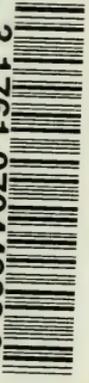
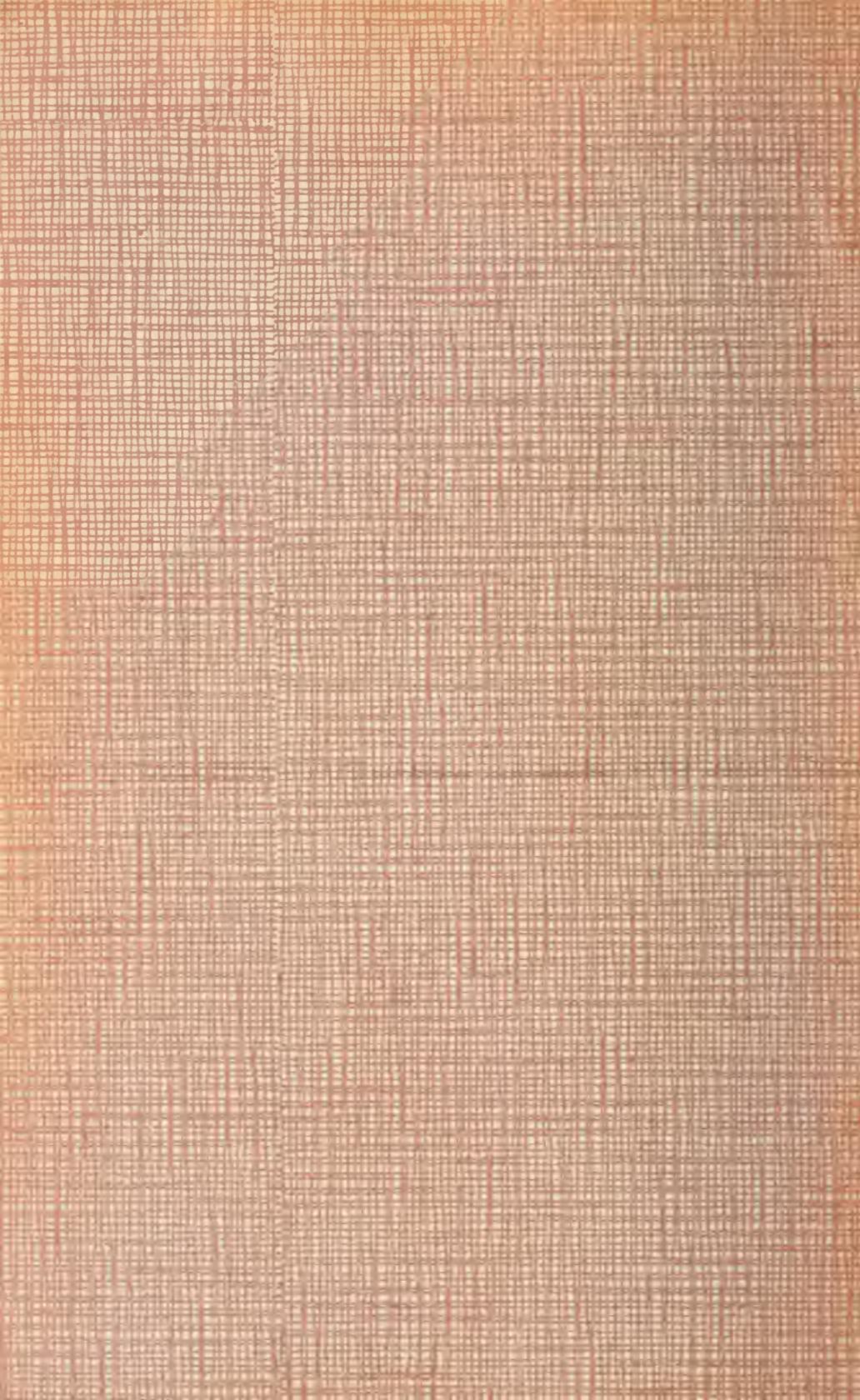
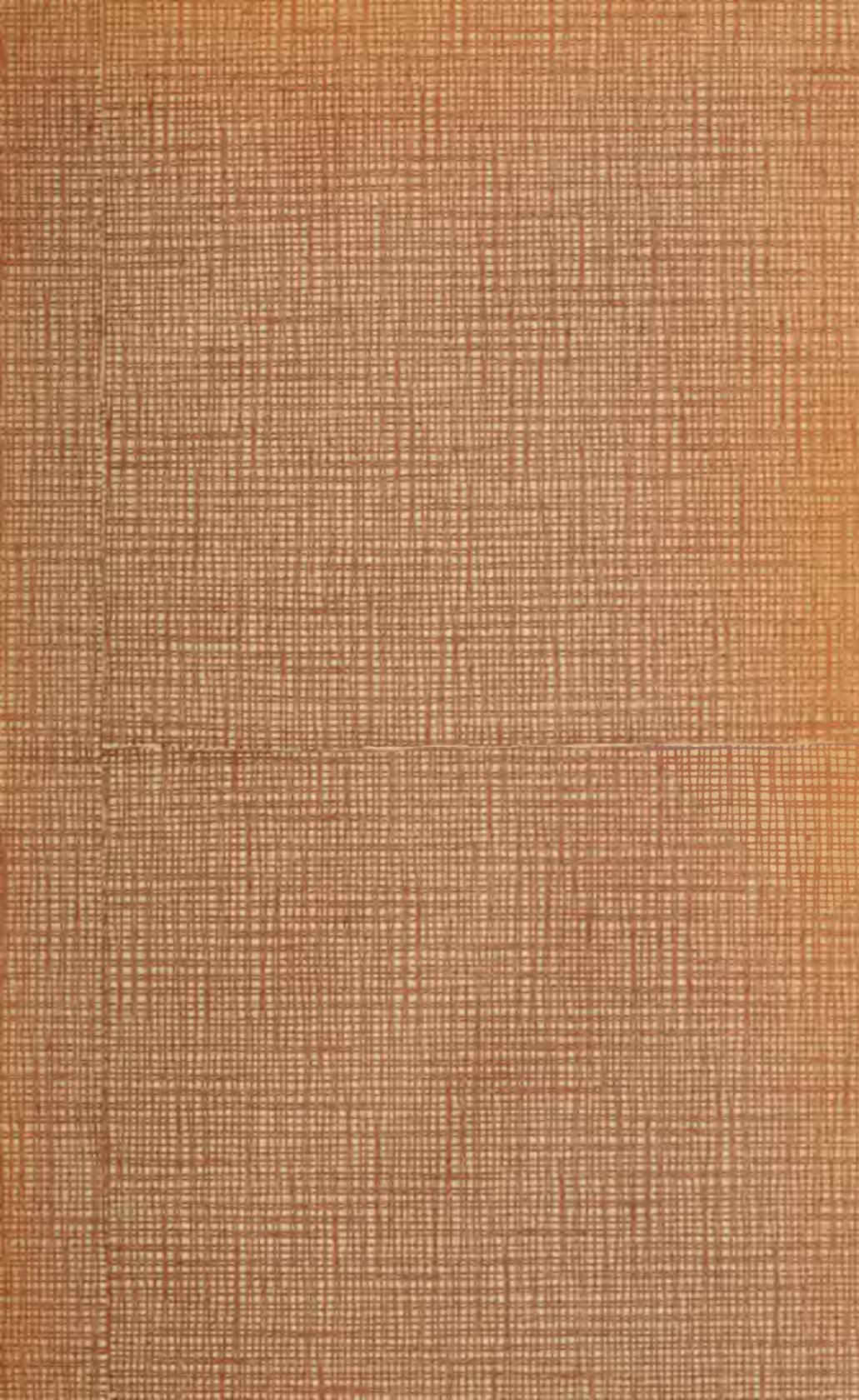


3 1761 07044983 0



PQ
9261
C3
Z738







Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

ALBERTO PIMENTEL

A PRIMEIRA MULHER

DE

CAMILO

Ha relampagos de memoria que abrem um vinco na fronte do homem. E a velhice extemporanea de alguns o que é se não recordarem-se ?

CAMILO CASTELO BRANCO — *A Engeitada.*



1916

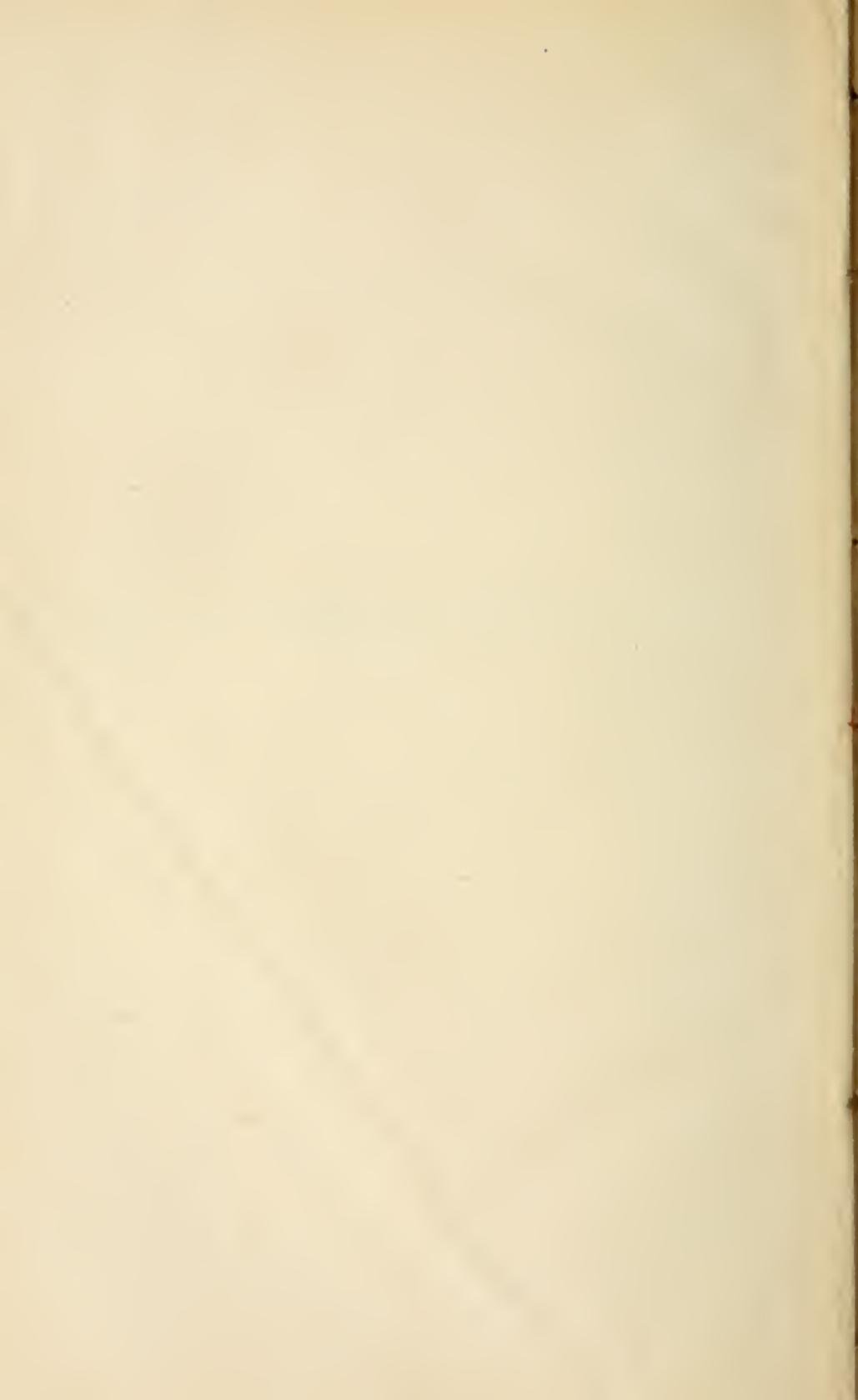
GUIMARÃES & C.ª — Editores

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA

A primeira mulher de Camilo

*Composto e impresso na Imprensa
* * de Manuel Lucas Torres * *
R. Diario de Noticias, 87 a 93, Lisboa*



ALBERTO PIMENTEL

A PRIMEIRA MULHER

DE

CAMILO

Ha relampagos de memoria que abrem
um vinco na frente do homem. E a ve-
lhice extemporanea de alguns o que é se
não recordarem-se?

CAMILO CASTELO BRANCO — *A Engeitada.*



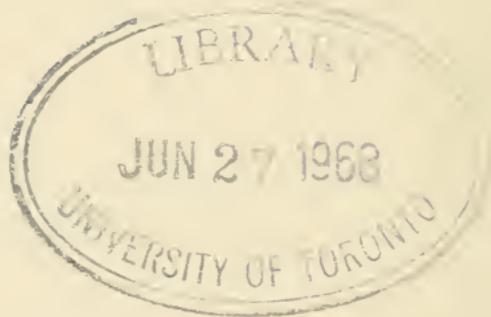
1916

GUIMARÃES & C.^a — Editores

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA

PQ
QZ61
C3Z738



Á MEMÓRIA

DE

António de Azeredo Castelo Branco,

falecido em 5 de janeiro de 1916.

A primeira mulher de Camilo

I

Silêncio injustificado

Quanto à primeira mulher de Camilo Castelo Branco não serão para desprezar as informações novas, que hoje trago a lume, absolutamente inéditas.

Mas careço de evocar algumas passagens concernentes ao mesmo assunto, que se encontram em duas ou três obras minhas, e faço-o por amor da sequência lógica desta breve narrativa.

O grande romancista ocultou sistematicamente o facto de ter contraído primeiras núpcias com uma camponesa residente em Friúme, e parece que chegou a negá-lo, segundo uma referência insuspeita de António de Azevedo Castelo Branco em carta dirigida ao visconde de S. Miguel de Seide.

Pelo menos, ocultá-lo em documentos oficiais correspondia a negá-lo.

Assim, quando em outubro de 1846 entrou na Cadeia do Porto por haver raptado D. Patrícia Emília do Carmo, fez-se inscrever como *solteiro*, sendo ainda viva a sua primeira mulher. E quando em 1852 se habilitou naquela mesma cidade para tomar ordens menores — o que não efectivou — omitiu na petição ao bispo o estado de *viúvo*.

Mas, no respectivo processo eclesiástico, o abade da Sé, atestando *pro moribus*, declára ser o peticionário «viuvo de D. Joaquina Pereira de França.» (Nunca uma aldeã foi mais digna de a honorificarem Dona).

Tinha conhecimento daqueles autos de ordens o illustre cónego Alves Mendes, amigo desvelado de Camilo, e, por isso, quando em 1885 começou dedicadamente a promover o casamento do insígne escritor com D. Ana Plácido, para conseguir a dispensa de proclamas solicitou, perante o arcebispo de Braga, uma justificação legal do falecimento de D. Joaquina Pereira França.

Foi o mesmo cónego Alves Mendes quem me comunicou todos estes pormenores, que mais tarde comprovou com a oferta de documentos, por mim publicados em 1890 no *Romance do romancista*.

Camilo nunca revelou aos seus íntimos, nem em qualquer dos seus livros — tão ricos de dados au-

tobiográficos — referiu, clara e directamente, a história do seu primeiro casamento.

Mas eu surpreendi, em algumas das suas obras, insistentes impressões que êle guardára desde Friúme e que propositadamente desfigurava quanto às personagens principalmente.

Camilo contou, sem nenhum disfarce, os seus idílios amorosos com duas camponesas da Samardan. Luisa, donáirosa «flôr dentre as fragas», ¹ e Maria do Adro, a triste e pálida aldeã. ²

¿ Então por que se obstinaria em ocultar, ou renegar, o seu consórcio com outra camponesa ?

Por isso mesmo que a desposou, fazendo um casamento obscuro, cuja confissão pareceria desairosa às suas tendências aristocráticas, à sua culminância literária e evidência social, que depois tão justificadamente conquistou.

Não se esquivára Camilo a comemorar publicamente os galanteios serranos, que não tinham chegado a criar uma situação doméstica, a estabelecer laços de família, a autorizar a vida em comum que o casamento sanciona.

Mas dir-se-ia envergonhado da afeição que o le-

¹ *Duas horas de leitura, Um livro, Memórias do carcere.*

² *Duas horas de leitura.*

vára ao matrimónio como se fôra qualquer dos seus *brasileiros* que, regressando à terra natal, houvesse desposado a filha do feitor, rapariga tão apetitosa quanto humilde.

Camilo receava até a possibilidade de se falar nisso, consoante disse António de Azevedo na carta já citada.

Quando, tendo-me pedido informações sôbre o trabalho da sua biografia, eu lhe confessei lealmente no *Hotel Borges*, em Lisboa, que possuía uma certidão do seu primeiro casamento, Camilo retorqui-me, excitado :

— Esse casamento foi uma infâmia.

A isto respondi eu com a mesma lealdade :

— Tenho provas de que foi apenas a consequência duma criancice aos dezasseis anos.

Mas essa criancice, que teve uma sanção honrosa, e que, portanto, não podia nem devia envergonhar Camilo ; essa legalizada aventura primaveril, que êle tanto queria recatar no maior sigilo, muitas vezes a recordou intimamente com secreta saudade, sem todavia a querer confessar francamente.

Espero demonstrá-lo nesta monografia, cujo plano comportará, primeiro, o que já escrevi sôbre o mesmo assunto no *Romance do romancista*, nos *Amores de Camilo* e no prefácio da sua comédia póstuma *O*

Lubis-homem; depois, as minhas pesquisas recentes, quanto à família de D. Joaquina Pereira França; por último, o estudo psicológico das páginas que melhor traduzem as recordações saudosas do eminente escritor, sempre veladas num injustificado mistério de alma.

II

Transcrições

Do *Romance do romancista* (1890):

«Francisco Xavier Alves, Reitor da freguezia do Salvador da Ribeira de Pena, archidiocese de Braga:

«Certifico e atesto, que em um livro dos assentos de casamento d'esta freguezia do Salvador, concelho de Ribeira de Pena, archidiocese de Braga, está lavrado a fl. 43 o assento do teor seguinte: «Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, e Jacinta Rosa Almeida do Espirito Santo, da cidade de Lisboa e de presente assistente n'esta freguezia do Salvador, e Joaquina Pereira, filha de Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira de França, do lugar de Friume, d'esta freguezia do Salvador da Ribeira de Pena, contrahiram o Sacramento do matrimonio por seus mutuos e expressos consentimentos *in fa-*

cie Ecclesiae conforme o Concilio Tridentino e Constituição do Arcebispado com commutação de proclamas para depois de recebidos na minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, a dezoito d'Agosto de mil e oitocentos e quarenta e um : testemunhas presentes o Padre José Maria de Souza, do Pontido d'Aguiar e Francisco Ribeiro Moreira, de Friume, d'esta freguezia : e para constar fiz este termo era *ut supra*. O Encommendado *Domingos José Ribeiro*. O Padre *José Maria de Souza*. *Francisco Ribeiro Moreira*. Tem á margem «Friume e Villa Real.» E' copia do proprio original, a que me reporto. E por ser verdade passei a presente que juro *in fide Parochi*. Parochial do Salvador da Ribeira de Pena. 21 de Novembro de 1887 e sete — *Francisco Xavier Alves*.»

Acrescentarei agora que a assinatura de *Francisco Ribeiro Moreira*, como testemunha, prova que D. Rita Emília da Veiga Castelo Branco, tia de Camilo, consentiu no casamento, porquanto esta senhora era sogra daquêle Ribeiro Moreira, abastado proprietário em Friúme.

Pensaria éla, talvez, que o sobrinho, casando com uma rapariga linda, postoque de modesta condição, renunciaria a novas rapaziadas e que o sôgro assumiria o encargo de olhar por êle.

D. Rita Emília, geralmente conhecida em Vila Real por D. Rita Brocas, tivera de receber Camilo e a irmã quando ficaram orfãos : o conselho de família, reunido em Lisboa, resolvêra enviar-lhos.

Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, pai de Camilo, vivêra de escassos rendimentos, pelo que teve de exercer um cargo público. e deixára créditos.

Assim, pois, o «esperançoso património», a que se referiu Camilo, é uma frase que não corresponde à verdade dos factos.

Nem, como êle supunha, foi uma lei da Senhora D. Maria I que o deserdou. ¹

Vem a propósito, e pode esboçar-se rápidamentee, a história dessa lei.

No século XVIII, D. Leonor Maior Lobo da Gama, dama nobre, sucedeu, por morte de Luís Lobo da Gama, seu irmão, na administração dos bens da casa.

Mas apareceram em juizo dois filhos legitimados do fidalgo a reivindicar tanto os bens alodiais, como os vínculos. D. Leonor, decaída nos tribunais ordinários, recorreu para a Coioa, que estabeleceu a doutrina de que, existindo quaisquer legítimos descen-

¹ *Duas horas de leitura.*

dentes dos instituidores dos vínculos, não produziriam efeito as cartas de legitimação. ¹

Manuel Botelho reconheceu como seus filhos Camilo e Carolina em 27 de junho de 1829.

O respectivo «instrumento de legitimação e perfilhação» ² diz que o pai vivia dos seus rendimentos e não declara o nome da mãe. (*Mãe incógnita*, segundo a frase tabelioa).

Certamente avisado pelo notário de que era preciso evitar a aplicação, por analogia, da provisão régia de 1799, Manuel Botelho resolveu acautelar-se obtendo o seguinte documento :

«Senhor.

«Manda-me Vossa Real Magestade Fidelissima responder ao requerimento de meu Irmão Manoel Joaquim Botelho Castello-Branço, como unica interessada á sua herança, se elle fallece-se ab intestato, a fim da Perfilhação de hum seu filho Natural Camillo Ferreira Botelho Castello Branco e de huma filha Carolina Ritta Botelho Castello Branco, nada

¹ Resolução régia de 16 de dezembro de 1798 e Provisão de 18 de janeiro de 1799.

² Publicado integralmente pelo sr. Pedro de Azevedo nos *Antepassados de Camilo*.

tenho que dizer, e antes muito louvo ao ditto meu Irmão Recorrente, os seus honrados sentimentos de bom Catholico, e por isso a tudo presto o meu consentimento, e V. R. M. F. Mandará o que fôr justo. — Vilia Real 20 de Agosto de 1829. D. Ritta Emilia Castello Branco.» ¹ (*Segue-se o reconhecimento.*)

Seis anos depois, a 22 de dezembro de 1835, Manuel Botelho falecia em Lisboa, na rua dos DouRADORES, 29, freguesia de Santa Justa. ²

Em 1836 publicava o *Diário do Governo*, n.º 37, de sexta-feira 12 de fevereiro, este aviso judicial:

«Pelo Juizo de Paz da Freguesia de Santa Justa se precede a inventario dos bens ficados por obito de Manoel Joaquim Botelho Castello Branco: todos os credores que o forem ao casal do dito fallecido concorrerão ao dito Juizo no prazo de quinze dias, contados da data deste annuncio, a legalisar seus creditos, para no acto da partilha se lhe dar pagamento.»

¹ Arquivo Nacional — Desembargo do Paço, maço 553. Ministério do Reino. (Vi este documento por indicação do sr. Pedro de Azevedo.)

² Comunicação do dr. João de Meira, em carta de 7 de março de 1906.

O cadáver de Manuel Botelho foi lançado à vala comum, n.º 7, do cemitério oriental (Alto de S. João).

E o minguado espólio, se algum remanesceu do pagamento de dívidas, não chegou para que a educação dos dois orfãos decorresse em colégios de Lisboa, como seria conveniente, se para isso houvesse recursos pecuniários bastantes.

Carolina e Camilo, ficando pobres, tiveram de ser recebidos em Vila Real ¹ pela mesma tia que a favor dêles havia renunciado aos direitos duma hipotética herança.

Mas Camilo, rapaz travêssô, fugira de casa de D. Rita Brócas, e viera para Lisboa aventurosamente.

Foi, porêem, reenviado a Trás-os-Montes, onde, depois do casamento de sua irmã Carolina com o medico Azevedo, encontrou mais carinhosa e instrutiva hospedagem na casa dêles, em Vilarinho da Samardan. ²

¹ «Tinha eu dez annos, e vivia em Villa Real > *Memorias do carcere*, I., cap. XV.

² «N'esta Samarðan passei eu os ðescuidos e as alegrias da infancia, na companhia ðe minha irman, que alli casou, e ð'aquelle padre Antonio ð'Azevedo, alma ðe Deus .. *Memorias do carcere*, II, cap. XXX.

«Vivi dois annos com este prior. As nossas camas estavam no mesmo quarto. *Seroens de S. Miguel de Seide*, III.

Todavia nem D. Rita ficára de mal com o sobrinho, nem o sobrinho de mal com ela.

E assim se explica que o j6vem Camilo a tivesse acompanhado a Friúme, em visita a Francisco Ribeiro Moreira e sua mulher, genro e filha da mesma D. Rita.

Desposando a meiga «Quininha» — docemente a tratava o povo por este deminutivo — Camilo ficou em Friúme, onde exerceu o cargo de amanuense dum funcionário público, bastante «acumulador», e lá permaneceu algum tempo sob a vigilância e a possivel protecção do s6gro, que se lisonjeou do casamento da filha com um rapaz inteligente e de família conhecida em Trás-os-Montes.

Aqui suspendo a divagação.

Do livro *Os amores de Camilo* (1899) tomarei, na sua mesma grafia, as páginas baseadas em informações a que posso dar o nome de «versão de Friúme», porque de lá vieram e me foram obsequiosamente fornecidas por uma família distinta.

Reproduzo-as apenas com os ligeiros retoques que uma futura edição exigia, e que já estavam feitos antes de iniciadas quaisquer diligências, junto dos parentes de D. Joaquina Pereira França, para obter a sua «versão de família».

«Friume, pequena povoação ¹ que ainda hoje ² tem apenas 85 casas, recosta-se na margem esquerda de Tâmega e corôa-se no alto por uma extensa rocha, sobre a qual assenta a capella de S. Gonçalo.

A vegetação, pela abundancia pinturesca que a caracteriza, faz lembrar o Minho, já fronteiro. Os campos são cultivados e arborizados. Os carvalhos, os freixos, os castanheiros e os choupos, principalmente os choupos, servem de apoio ás vides de *enforcado*. Por este motivo o povo de Friume designa pelo nome de uveiras todas as arvores a que se arrima a vinha.

A quatrocentos metros da aldeia deriva placida a corrente do Tâmega fecundando o solo, regando os campos e pomares.

Camillo, se houvesse de acompanhar sua tia a Lisboa ou ainda ao Porto, iria contrariado: mas, dentro da provincia transmontana, passar da Sarnadã para Friume, onde a vida rustica era a mesma, se bem que o scenario fosse mais ameno, não importava sacrificio.

Como em todas as aldeias, havia em Friume um estabelecimento commercial que accumulava varios

¹ Do concelho de Ribeira de Pena.

² 1899.

generos de negocio ; era simultaneamente mercearia e loja de capella ; vendia arroz e botões, alhos e fitas, bacalhau e lustrina, cominhos e gravatas. Dir-se-ia a tenda do Martins do Chiado despejada dentro do *magasin* do Mattos e Silva. Parecia uma torre de Babel em que cada «artigo» fallava uma linguagem differente.

Mas o proprietario da loja, Sebastião Martins dos Santos, entendia-se perfeitamente no meio d'esta complicada Babel. Não confundia nem os lotes nem os generos do seu estabelecimento ; era como um velho bibliothecario que, por maior que seja a livraria, sabe onde ha-de ir buscar o tomo que lhe pedem.

Elle não era natural de Friume. Tinha nascido no concelho de Gondomar, onde exercêra, como Johnson nos Estados-Unidos, a profissão de alfaiate.

Todavia esse humilde mester não fôra indifferente á illuminação do seu espirito, natulmente sagaz ; tambem como Johonson, Sebastião dos Santos poderia ufanar-se, no parlamento da sua loja, de ter aprendido, quando alfaiate, «a cortar a direito e a tomar medidas exactas.»

E teria muitas occasiões de o dizer, porque era um sujeito discursivo, que fallava de dentro do balcão como do alto de uma tribuna, illustrando os fre-

guezes, orientando-os sobre o rumo dos negocios publicos, commentando com desassombro e arrogancia as zaragatas da junta de parochia do Salvador.

A sua loja fazia lembrar um vasto collecter em que fossem desaguar as ramificações litterarias, politicas e philosophicas do Gremio, da Havaneza, do Martinho, de S. Bento, da Arcada e do Curso Superior de Lettras.

Sebastião dos Santos tinha uma opinião para tudo e para todos. Era um *doutor* de aldeia, typo aliás vulgar nas nossas provincias, a quem os freguezes e os consulentes jámais recorriam em vão. Aviava tudo quanto lhe pedissem, fosse pimenta para temperar uma lebre, conselho para vencer uma demanda ou receita para curar brotoejas e terços.

A' noite, quando o movimento commercial da loja abrandava, e elle occupava a sua cáthedra de Pico de Mirandola, era um gosto ouvil-o dissertar sobre as proezas de Carlos Magno, as prophcias do Bannarra, as guerras do tempo do Cêrco, a gravitação dos astros e a pesca do bacalhau na Terra Nova.

No meio da mais profunda attenção do auditorio, só a intervallos perturbada pelo advento de algum freguez retardatario, Sebastião dos Santos preleccionava *de omni re scibili et quibusdam aliis*, — de todas as coisas e de muitas outras.

A dentro do balcão escutavam-no com religioso respeito a mulher, Maria Pereira França, e quatro filhas ainda na infância, a mais velha das quaes se chamava Joaquina e desabrochava temporã e linda, cachopa guapa que o leitor terá occasião de conhecer em escorço.

Sebastião dos Santos, transferindo-se de Gondomar a Friume, tomára logo pé como Cesar : chegou. viu e venceu. Sentia-se com instinctos mais altos do que os que humildemente se confinavam entre o giz e a tesoura.

Uns parentes que tinha em Friume e eram rendeiros de varias commendas provocaram-no a mudar de domicilio. O alfaiate desfez-se logo da officina : entroixou e partiu com a família.

Quando Camillo, acompanhando a tia Rita, chegou a Friume, a loja de Sebastião dos Santos florescia como um *Printemps* local e como um soaheiro mais brilhante que os da Castanheira e Alhos Vedros no tempo de Camões.

O talento de Camillo já tinha começado a brotar, numa atmospheria de classicismo, á sombra de padre Antonio de Azevedo. ¹ Naquelle tempo o ensino do latim não se havia ainda secularizado ; estava nas

¹ Irmão do médico Azevedo.

mãos do clero. O estudante mais estroina continha-se em respeito, em terror até, na presença do Padre-Mestre que lhe ensinava Eutropio e Virgilio, com a profundidade de um poço que alcatruzasse latini-dade cristallina.

Os themas eram colhidos nos escriptores portuguezes de boa nota, os classicos, principalmente nos textos substanciosos de estreme orthodoxia.

Camillo, quando chegou a Friume, levava o latim de padre Antonio de Azevedo, mais a bagagem litteraria que elle lhe emmalara.

Tambem levava a viola dos serões transmontanos, que annos depois ainda dedilhava no Porto, empoleirado sobre as telhas de um predio da rua Escura.

Com estes predicados, personificava o typo escholastico da sua epoca.

Inventava facilmente entremezes para os serandeiros e redondilhas para serem cantadas ao desgarre.

Não que elle tivesse meritos de cantor, porque a voz lhe era rebelde. Percorrendo a escala, «quando chegava ao si, esganitava-se n'uma engasgação.»¹ Sem embargo, quando o amor o inspirava, tentava vencer, com melhor ou peor éxito, as rebeldias da larynge.

¹ *A lyra meridional.*

A vocação litteraria de Camillo não visava nesse tempo a um ideal artistico. Estava unicamente ao serviço de um temporal desfeito de adolescencia folgazã e de alegria fragoeira, que saltava tão desembaraçada por sobre as neves e barrocas do Marão como um *gentleman* poderia pisar, nos *menuettos* da côrte, velludosos tapetes de Susa.

A vida de Camillo, á semelhança da de Camões e Bocage, foi irrequieta nos primeiros annos da mocidade. Camões teve a alcunha de *Diabo*, que tambem foi o qualificativo dado por Heine a Proudhon, e que egualmente assentaria com propriedade em Camillo.

Pode, pois, imaginar-se a sensação que elle causaria quando appareceu em Friume com a sua bagagemzinha intellectual preparada por padre Antonio; com a viola transmontana e uma inexgotavel veia de improvisação; com a sua alegria desabalada, que refervia em vulcões de imaginação inventiva.

Sebastião dos Santos, o tendeiro lettrado, conhecia que tinha encontrado o «seu homem.» Camillo viera dar á «Havaneza» de Friume umas tinturas de illustração e mundanidade que não podiam deixar de lisonjear o dono do estabelecimento, tão lido na Historia Sagrada, e tão interessado em saber e discutir o que se passava por esse mundo fora.

A concorrência á loja de Sebastião dos Santos começou a ser maior, porque, em vez de um, havia agora dois oradores a iscar a curiosidade publica. Mas o joven Camillo reconheceu, a breve trecho, que precisava de maior ambito, para expandir a sua alegria, do que a loja de Sebastião.

Entrou a promover corridas de gallos e entremezes, que elle proprio dirigia com uma actividade infatigavel, attraíndo sobre si a estima e o reconhecimento publicos, porque a aldeia de Friume perdera de repente a somnolencia patriarchal, que até então a tinha amodorrado.

Os entremezes, divertimento que dos costumes da côrte, onde Gil Vicente o implantara, derivou para a tradição popular, eram recebidos com geral agrado.

Camillo compunha a peça, distribuia-a, ensaiava-a com enorme trabalho, lascando as durezas da prosodia dos actores, como se brita pedra com um martello, e trepanando os papeis na cabeça dos que não sabiam ler. Depois ajudava a levantar o palco scenico, carpintejando elle proprio. Na noite da representação era auctor, contra-regra, actor e fiscal do theatro, multiplicando prodigiosamente a sua actividade.

.....
Rodeado de uma atmospherá de prestigio, em lena evidencia, não admira que os seus jovialissi-

mos dezeseis annos se impozessem á admiração das raparigas de toda a freguezia do Salvador, e que elle proprio se deixasse enlear nos laços que o amor arma brandamente.

Assim aconteceu. A breve trecho foi Joaquina Pereira, a primogenita de Sebastião Martins dos Santos, entre todas as raparigas de Ribeira de Pena, a que pôde gabar-se de ter empolgado o coração do joven e endiabrado Camillo.

Ella era, como já disse, uma guapa e temporã cachopa. Forte, sadia, reforçada, de peitos altos, estatura regular : nas faces morenas, um clarão de ingenuidade alegre, de bondade expansiva.

Na vespera e dia de Natal, quando saham as *ron-das* — grupos de rapazes e moçoilas que percorrem a povoação em danças e descantes — Joaquina, que tomára os appellidos da mãe, era a flor do rancho, o que despertava um certo despeito nas raparigas nascidas em Friume, porque ella tinha nascido em S. Cosme de Gondomar.

A 10 de janeiro, pela romaria de S. Gonçalo, era das mais gentis cachopas que exhibiam as suas vestes de gala : saia de chita, jaqué de merino, ordinariamente escuro, chinellas de verniz, lenço de seda na cabeça.

Pulando nas danças do arraial, quando o lenço lhe

descahia ao abandono, parecia ainda mais gentil, graças ao penteado em uso entre as raparigas de Friume: duas tranças singelamente enlaçadas na parte posterior da cabeça.

Joaquina Pereira enamorou-se de Camillo ouvindo-o discursar na loja do paí e recitar versos que exaltavam a imaginação. Depois, a liberdade nas *rondas*, nos entremezes e nas *corridas* de gallos ageitava ocasião propicia ás confidencias, aos segredos, ás juras de amor, que na loja de Sebastião dos Santos, interposto o balcão, não eram permittidos aos dois namorados.

Camillo, que tinha ido a Friume por acompanhar apenas a tia Rita, achou alli, quando menos o esperava, uma posição social, postoque modesta, conveniente. Luiz da Cunha Lemos, que accumulava as funcções de secretario da camara e da administração do concelho de Ribeira de Pena, tinha sido investido tambem nas de escrivão de fazenda e escrivão e tabellião do julgado. Não parece, este Lemos, um dos felizes burocratas graúdos dos nossos dias, que são verdadeiros cabides de empregos rendosos? Pois bem! o indispensavel Lemos precisava de um escrevente, que certamente não era de mais, e contratou Camillo para esse cargo, mediante casa e

mesa, além, talvez, de alguma remuneração em dinheiro.

Que magnifico amanuense seria Camillo ! Tinha orthographia, prenda não vulgar em Ribeira de Pena e outras partes, incluindo as ilhas adjacentes, mas, principalmente, dispunha de uma bella calligraphia, que a rapidez da escripta não conseguiu estragar completamente mais tarde.

Sebastião dos Santos não podia encontrar melhor genro, nem mais a seu geito. Dir-se-ia que o tendeiro de Friume, o antigo alfaiate de Gondomar, tivera a intuição do futuro de gloria reservado a Camillo.

A certa altura impoz o casamento, tanto mais invejado quanto a imaginação popular, fascinada pelas eminentes qualidades do sobrinho de D. Rita, acalentára a lenda de que elle teria a receber uma grande herança.

Foi por uma tarde de agosto, a 18, de 1841 que, na igreja do Salvador de Ribeira de Pena, Camillo Ferreira Botelho Castello Branco desposou a filha de Sebastião Martins dos Santos.

O párocho encommendado, Domingos José Ribeiro, lançou as bençãos. Como testemunhas assistiram o padre José Maria de Sousa, de Pontido de Aguiar, e o genro de D. Rita, Francisco José Ri-

beiro Moreira, primo, por afinidade, de Camillo.

Está a gente a ver toda a movimentação theatral d'essa tarde de agosto em Friume :

Camillo, uma creança de dezeseis annos, mentalizando a plenitude da «posse» legitima na contemplação da noiva, cujas graças acirrantes, modeladas numa plastica vigorosa, a elle offuscariam nessa hora electrizante os liames e encargos do casamento.

Joaquina Pereira, espiritualizada pela paixão, que é dynamite capaz de fazer saltar os mais duros blocos do cerebro humano, e ella era uma pobre camponeza, que ainda assim se distinguia entre muitas outras por saber ler e escrever.

Sebastião dos Santos desvanecido pela satisfação de ter ganho a partida num rapido lance de távolas, dizendo porventura aos convidados que, nas suas mãos, «o rapaz havia de ir muito longe».

As raparigas de Friume mordidas de inveja pela felicidade que uma estranha lhes viera roubar, levando-lhes o melhor noivo que podiam apetecer, e a herança fabulosa que havia de enriquecel-o um dia.

.....

A casa dos noivos, em Friume, era, como a maior parte de todas as da povoação, construída de pedra tôsca, sem rebocos e sem vidraças.

Foi essa choupana o ninho de amor onde Camillo

passou os dias do noivado, certamente sem ambicionar holiandas finas para o leito, manjares delicados para a mesa, perfumes de *boudoir* que não fossem o do rosmaninho silvestre e da madresilva das sebes floridas.

.....

Elle chegaria a julgar, talvez, que a sua existencia derivaria toda alli, placidamente, á beira do Tâmega, contente com o amor dedicado e leal, que encontrara no coração de Joaquina Pereira.

E. comtudo, a vida amorosa de Camillo começava apenas : aquelle sereno idyllio conjugal era o prefacio de um inferno de paixões tempestuosas.

Ambições, quem lh'as dera, fôra o proprio sogro. fascinado pela evidencia social que lhe viria do genro.

A breve trecho Sebastião Martins dos Santos quiz que Camillo se preparasse para um curso superior. Desejava-o medico e, para realizar este ideal, não duvidou affastar Camillo de Friume.

Convinha refrescar o latim que padre Antonio de Azevedo lhe tinha ensinado, porque o latim era o *prato de resistencia* entre os poucos preparatorios então exigidos.

Na Granja Velha, logar da freguezia de Santa Marinha, do mesmo concelho, havia um prégador e latinista de fama, o Padre-Mestre Manuel Rodrigues

ou padre Manuel da Lixa, mas a Granja Velha distava oito kilômetros de Friume, mais de legua e meia. Para todos dias, a caminhada de três leguas, ida e volta, seria violenta. Por isso Sebastião dos Santos entendeu por bem arranjar hospedagem a Camillo no lugar de Viella, tambem da freguezia de Santa Marinha, em casa de Rita Alves, d'onde o estudante mais facilmente poderia ir á Granja Velha. Só aos domingos e dias santificados tinha elle licença para visitar a mulher em Friume.

Foi Sebastião dos Santos que estragou os seus mesmos planos de grandeza futura, commettendo a imprudencia de affastar do amoroso ninho de noivado um rapaz de dezeseis annos.

Os laços conjugaes não tiveram tempo de solidificar. Joaquina Pereira não pôde assegurar a conquista do coração de Camillo por uma demorada e carinhosa convivencia. A creança achou-se em liberdade como a ave a que mão imprudente abre a porta da gaiola.

Na Granja Velha deparou-se a Camillo ensejo para entregar-se ao tracto das musas, que nem sempre são boas conselheiras. Tanto peor para Joaquina Pereira. O padre Manuel da Lixa tinha, como prégador, certo verniz litterario, e ao passo que admoestava Camillo sobre os perigos da paixão das letras,

dava-lhe a ler poetas, Garção e Tolentino, o que era contraproducente.

Feita a admoestação e lidos os poetas, a imagem de Elmena ¹ tornou a apparecer a Camillo, porque o seu espirito começava a precisar de um ideal feminino, que não podia ser a pobre camponeza já possuida como um livro que, depois de lido, nos saciou a curiosidade.

«Vivi d'aquella hora em diante — diz elle — mais clandestinamente com Apollo, já versejando por conta de Elmena, já versejando aos passarinhos que cantavam nos soutos e olivães visinhos da janella do meu pobre quatro. ²»

Comtudo, as cautelas adoptadas por Camilo não eram tão rigorosas, que o segredo das suas composições metricas fosse apenas conhecido dos passarinhos. Os condiscipulos de latim apreciavam-lhe a facilidade de improvisação, e a fama de poeta espalhava-se desde Friume até á Granja Velha.

Foi justamente esta prenda litteraria que levou Camillo a abandonar precipitadamente o concelho de Ribeira de Pena.

¹ Pseudónimo com que arcádicamente foi designada por Camilo uma sobrinha de certo vigário transmontano.

² *Ao anoitecer da vida.*

«Elle mesmo se constituiu chronista dessa forçada emigração :

«N'aquella freguezia andavam ás más dois irmãos de fidalga prosapia. á conta do casamento desigual que um d'elles intentava fazer, contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes d'este me foram pedidos uns versos, em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados á conta de me não lembra que antedencias mui ageitadas á galhofa metrica. Deu-me soberbas uma incumbencia d'este genero ! Poeta, e de mais a mais requestado para intervir com minha opinião em casamento tão fallado nas vinte aldeias circumpostas !

«Escrevi uma folha de papel almaço em quadras, que os interessados na publicidade affixaram na porta da egreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticario, que seguia as partes do morgado, lia a satyra á populaça, que ria ás escancararas.

«E eu de lado a revêr-me na obra, e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio !

«Por um cabello que não fui então martyr do genio ! A victima crucificada na porta da egreja não era das que dizem : « Senhor, perdoai ao poeta, que não sabe as asneiras que diz ! » Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o

fidalgo, que tambem o boticario em paz. Poeta era eu só n'aquelle quadrado de dez leguas : avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberára, abafaria aquelle respiraculo da de-tracção inimiga.

«O padre mestre avisou-me horas antes da es-pera e da sepultura. Fugi com o *magnum lexicon* debaixo do braço, e com os ossos direitos que aquella terra ingrata me queria comer. ¹»

Abandonando Ribeira de Pena precipitadamente, como quem foge a um perigo certo, Camillo deixou alli memoria de duas creancices : o casamento e a satyra. Que admira, se elle era uma creança de de-zeseis annos ?

Sob a protecção do sogro, veio para Lisboa, onde tornaria a ver Amelia *ou* Celestina, a qual se mostraria indifferente á recordação do galanteio infantil que ambos haviam entretido.

Lisboa seria a terra escolhida intencionalmente, talvez por conselho de Sebastião dos Santos, para que fosse maior a distancia interposta ao auctor da satyra e ao seu feroz inimigo de Ribeira de Pena.

Mas Camillo não estava habituado á vida da ca-

¹ Mesma obra, prefácio.

pital, que lhe fazia saudades da vida dos campos e dos passarinhos dos soutos e olivaes.

Quando julgou mais acalmada a tempestade que a satyra desencadeara, foi para o Porto a fim de estudar preparatorios, porque o sogro não tinha desistido ainda de formal-o em medicina.

De repente, num impeto de mocidade irrequieta, a que a saudade da infancia não seria de todo estranha, Camillo emancipou-se da tutella de Sebastião dos Santos e acoitou-se em Villa Real em casa da tia D. Rita.

Desde essa hora, o sogro julgou prejudicados todos os seus projectos, e vociferava nos soalheiros de Friume, especialmente na loja, contra o genro, que elle proprio havia conduzido imprudentemente.

A victima da colera de Sebastião era a filha, que nenhuma culpa tinha nas occorrencias que lhe arrancaram dos braços o marido.

Mas o pai enfurecia-se quando via no collo de Joaquina uma creança recém-nascida ; revelava assomos de medonha colera.

«A pobre rapariga, desejando juntar-se ao marido, contratou duas mulheres de Friume, para que fossem a Villa Real levar a Camillo uma carta em que se dizia enferma.

As duas mensageiras enganaram-na, porque se occultaram durante alguns dias, findos os quaes appareceram simulando a resposta de que Camillo não estava em Villa Real, mas que D. Rita Castello Branco lhes assegurára que, logo que elle regressásse alli, lhe entregaria a carta de Joaquina Pereira.

A verdade é que Camillo estava em Villa Real, e não recebêra a mensagem. Apezar de haver encontrado um novo idyllio, os factos, que depois se deram, fazem crêr que partiria para Friume se a carta de Joaquina Pereira lhe houvesse chegado ás mãos.

Como elle se demorasse em voltar, a filha de Sebastião dos Santos alliciou um mensageiro de maior confiança, Bernardo Alves, para ir a Villa Real com nova carta.

Adivinha-se facilmente o que essa carta diria. Fallar-lhe-ia da filhinha, das suas graças infantis, das coleras com que Sebastião dos Santos a atormentava, e da supposta doença, piedosa mentira destinada a commovê-lo.

Camillo contou a Bernardo Alves os motivos que tinha para não ir a Friume: receava a brutalidade do sogro e talvez a vingança da victima da satyra; mas romperia por todas essas considerações, se tivesse meios para sustentar a mulher e a filha.

Bernardo Alves contrapoz, certamente, que tudo se concertaria do melhor modo possível, e Camillo não duvidou acompanhá-lo a Friume.

Avistou-se com a mulher e, reconhecendo que ella não estava doente, teve uma phrase carinhosa, que é confessada por uma testemunha presencial :

— Então eu por aqui tão afflicto, e tu de perfeita saude ?

Beijou a filhinha, e parece que, graças á intervenção de Bernardo Alves, se reconciliou algum tanto, com o sogro, que, sempre desconfiado, o vigiava como um Argus, procurando evitar a aproximação intima dos dois casados.

Combinou-se que Camillo voltaria para o Porto a continuar os estudos ; que, logo que elle se formasse em medicina, Joaquina Pereira sahiria de casa do pai para a companhia do marido ; e que a filhinha seria entretanto educada num Recolhimento portuense.

Camillo voltou ao Porto, como se combinára.

Não lhe davam noticias de Friume, da mulher nem da filha, porque Sebastião dos Santos julgou que desse modo estimularia o amor do genro ao estudo.

Desatados novamente todos os laços de familia, por imprevidencia do sogro, Camillo, feitos no liceu os exames preparatorios, matriculou-se no 1.º anno

da Escola Medica e na aula de chimica da Academia Polytechnica em outubro de 1843.

Vivia como estudante pobre num esguio terceiro andar da rua Escura — rua que por este facto e por um romance de Antonio Coelho Lousada ficou duplamente celebre.

.....

Na vida bohemia do Porto, colleccionando namoros colhidos nas trapeiras da rua do Souto e outras alfurjas, privado de ver a mulher e a filha por imposição autoritária do sogro, foi uma creança ás soltas, passou por todas as loucuras proprias da sua idade.

Elle mesmo o confessa, dizendo: «Eu que descera das penedias transmontanas, perfumadas das essencias das mattas altas, vestidas do rosiclér das auroras, da purpura vespertina dos crepusculos, de moitas de rosmaninhos, e resvalára á sargeta da rua Escura . . . »¹

Em 1847, Joaquina Pereira adoecêra de *cambras*.² O pai não avisou Camillo. A pobre rapariga, cuja dedicação, fortalecida pelo amor da filhinha, talvez tivesse sido capaz de conter a mocidade de Ca-

¹ O general Carlos Ribeiro.

² Corrupção provinciana de «camaras».

millo se Sebastião dos Santos os deixasse permanecer juntos, conheceu que morria e pediu os sacramentos.

A 25 de setembro d'aquelle anno, fallecia. No dia 27 era sepultada como pobre.

As carpideiras, vizinhas que pranteavam officiosamente, acoradas numa attitude de cerimonia oriental, ululariam clamores funebres em redor do cadaver da mal-casada, até, que o abbade José Antonio Rodrigues, de sotaina e sobrepeliz, seguido pelos quatro portadores do esquife parochial e acompanhado pelo mozinho com a caldeira de agua benta, viria encommendar o corpo.

A pobreza do acompanhamento teve alguma compensação na missa de «corpo presente», que foi cantada.

Mas faltaram no funeral aquellas lagrimas, que não são espremidas pela convenção das carpideiras, antes nascem do luto de almas saudosas.

Poucos mezes depois morria a filhinha de Joaquina Pereira.

«Assim desapareceu rapidamente a primeira familia constituida por Camillo. Pode dizer-se que elle foi marido e pai sem conhecer os encantos da vida caseira, porque o não souberam conduzir a essa felicidade, talvez a maior da vida humana.

Sebastião dos Santos sahio de Friume, passados annos. e, sempre aventureoso na ambição, estabeleceu uma padaria em S. Cosme ou no Porto, não sei bem.

Quando Camillo, já ligado a D. Anna Placido, vivia na rua do Almada, d'aquella cidade, em um predio fronteiro ao collegio Podestá, uma irmã de Joaquina Pereira, mocetona de lindas corés e guapo talhe, ia algumas vezes visitar o cunhado.

D. Anna Placido não gostava d'esta visita ; disse-o uma vez a um parente de Camillo, revelando-lhe as suas apprehensões.» ¹

¹ «... informando-me de que seu pae recebia ás vezes uma cunhada de capote ou capa e lenço, de cujo nome não me lembro e que elle requestava ou de que não desgostava, mas que vivia no Porto, bem como o sogro, que era padreiro.» Carta do sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco ao visconde de S. Miguel de Seide, que a incluiu no desvairado *Protesto contra a supposta filha de Camillo*, etc.

III

A família da noiva

Vão passados dezassete anos desde a publicação dos *Amores de Camilo*, e as novas investigações agora realizadas, cujo resultado não alterou fundamentalmente a narrativa que deixo transcrita, vieram proporcionar-me optimo ensejo de completá-la com exactas e seguras informações àcerca da família a que D. Joaquina Pereira França pertenceu.

Mais ainda : Parentes seus, felizmente ainda vivos e residentes no Porto, permitiram-me conhecer a sua versão sôbre o primeiro casamento de Camilo e os factos que se lhe succederam, versão com que nem sempre concordo, mas que vou reproduzir e comentarei sem malignidade.

Fácilmente compreenderá o leitor a razão por que me antecipo a dizer que esta família prosperou em condições de vida e fortuna, devidas a casamentos vantajosos.



O sôgro de Camilo

Posto isto, evoquemos genealógicamente os ascendentes da linda Quininha, D. Joaquina Pereira França.

Seu pai, Sebastião Martins dos Santos, era filho legítimo de José Martins dos Santos e de Helena Vieira.

Nasceu em Fânzeres, ¹ freguesia do concelho de Gondomar, em 10 de janeiro de 1810.

Exercia o ofício de alfaiate quando casou com Maria Pereira França, nascida na freguesia de S. Cosme, ² daquelle mesmo concelho de Gondomar, no ano de 1806, filha legítima de Manuel Pinto de Castro e Maria Pereira França.

Suponho que pela mãe pertenceria à família do padre que depois foi bispo do Porto, D. João de França Castro e Moura, nascido em S. Cosme (1804).

Do casamento de Sebastião Martins dos Santos resultou uma numerosa prole.

Em S. Cosme nasceram :

1 — Joaquina Pereira França, de quem falaremos oportunamente com especial menção.

¹ Seis quilómetros a nordeste da cidade do Porto.

² Oito quilómetros a noroeste da cidade do Porto.



A sogra e o sôgro de Camilo

2 — Vitória Pereira França, que nasceu em 1831. Casou com António José Alves, negociante e proprietário no Porto. Ela morreu em 26 de novembro de 1906, e êle tinha morrido em janeiro de 1890. Não deixaram descendência.

Por ocasião do cêrco do Porto, Sebastião Martins dos Santos fugiu com a família para Trás-os-Montes, obtendo procuração dum seu protector para lhe cobrar algumas rendas em Ribeira de Pena.

Estabeleceu residência no lugar de Friúme, onde pôs loja de mercearia.

Correndo-lhe bem o negócio, comprou a casa de habitação e outra contígua, como tambem umas terras, tão modestas como as duas casas.

Foi aí, nesse lugar da freguesia do Salvador, que sua mulher deu à luz mais os seguintes filhos :

3 — Ana Pereira França, que nasceu em 1833 e morreu criança.

4 — Jerónima Pereira França, que nasceu em 1 de março de 1834. Ficando solteira foi, depois da morte dos pais, viver em companhia de sua irmã Ermelinda, de quem ao diante falaremos. Faleceu no Porto, na rua de Cedofeita, no dia 27 de julho de 1913.

5 — António Martins dos Santos, que nasceu em 1837. Foi para o Brasil em 1848, confiado aos

cuidados de seu tio paterno Agostinho Martins Vieira, ¹ residente então no Rio de Janeiro.

Ainda vive no Brasil, em Amparo de Barra Mansa, freguesia da provincia do Rio de Janeiro: é viuvo e não tem filhos.

6 — Engrácia Pereira França. Nasceu em 1839. Casou no Porto com Torcato José Pereira, proprietário, falecido em agosto de 1911. Tem uma filha, D. Rosa Pereira França do Amaral, que foi casada com António Pereira do Amaral, falecido em novembro de 1908. Dêste casamento ficaram seis filhos, que são todos vivos e residem no Porto, rua da Constituição, *vila Torcato*.

7 — Salvador Martins dos Santos. Nasceu em 1841. Convidado por seu irmão António, foi para o Brasil mas, não se dando bem com o clima, voltou doente a Portugal, onde faleceu aos dezanove anos de idade.

8 — Ermelinda Martins dos Santos Castro. Nasceu em 23 de julho de 1843. Casou no Porto em 1859 com José Maria de Castro, negociante e proprietário. Ela faleceu em 17 de junho de 1909 e

¹ Este Agostinho Martins Vieira foi pai de Tomás Martins Vieira, general reformado, que vive no Porto.

êle em 19 de dezembro de 1915. Tiveram os filhos seguintes: ¹

(a) — D. Maria da Conceição dos Santos Castro. Nasceu no Porto em 2 de março de 1860. Vive na mesma cidade.

(b) — D. Vitória Rosa dos Santos Castro Dias. Nasceu no Porto em 29 de maio de 1866. Casou com o dr. Manuel Fernandes Dias, médico e proprietário em Vila Nova de Cerveira, falecido a 9 de setembro de 1915, com quarenta e quatro anos de idade. D. Vitória continúa residindo em Cerveira, com uma filha, D. Maria Isabel.

(c) — António dos Santos Castro. Nasceu no Porto em 11 de maio de 1868. Frequentava o quinto ano de engenharia na antiga Academia Politécnica quando faleceu em 13 de fevereiro de 1893.

(d) — D. Engrácia dos Santos Castro. Nasceu no Porto em 17 de maio de 1872. Vive e é religiosa professa nas Franciscanas de Calais (França).

(e) — Avelino de Castro Martins. Nasceu no Porto em 11 de agosto de 1876. Fez o curso de preparatórios para medicina na Academia Politécnica, é professor de ensino secundário e do instituto

¹ Além de outros que morreram na puerícia.

de surdos-mudos «Araújo Porto.» Casou em 1902 com D. Maria Adelaide Malheiro Dias : dêste casamento provieram seis filhos. E' viuvo, e vive no Porto, na rua de Cedofeita, 589.

(f) — D. Cristina dos Santos Castro. Nasceu no Porto em 30 de novembro de 1878. Vive tambem na rua de Cedofeita.

9 — Ana Pereira França. Nasceu em 1845 e morreu de tenra idade.

10 — Tomásia Pereira França. Nasceu aos 20 de maio de 1847.

E' conhecida na íntegra a certidão de baptismo desta cunhada de Camilo. ¹ Foram seus padrinhos Tomás Martins e Joaquim Pinto da França, tio da baptizada.

Desde já diremos os motivos que levaram o sr. dr. Maximiano Lemos a obter e publicar aquele documento.

Camilo, na 5.^a «Novella do Minho», que se intitula *O filho natural*, evocou a figura dum homem com quem tinha mantido relações de amizade em Friúme.

¹ *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, n.º 1 do 7.º ano (1916).

Era o farmacêutico Macário Afonso (nome autêntico) o qual ensinara Camilo a jogar o gamão e as damas. ¹

Foi a saudade de Friúme, ou, mais propriamente, a saudade de Quininha, que na memória do romanista aviventou a imagem do boticário, porque, segundo as interessantes investigações do sr. dr. Maximiano Lemos, na acção da novela *O filho natural* não se reconhece como verdade documentada senão a existência de Macário Afonso.

Este boticário teve mais duma filha, teve quatro, além dum filho ; nenhuma das filhas se chamou Tomásia como a heroína da novela.

O sr. dr. Maximiano Lemos lembra que uma das irmãs de Joaquina Pereira recebêra o nome de Tomásia, podendo assim inferir-se que este nome ocorresse a Camilo por associação de ideias correlativas a Friúme. Eis a razão por que publicou a certidão do baptismo de Tomásia Pereira França.

Mas, discreto pesquisador, conclue dizendo : « Seria arriscar muito supô-la a heroína do romance (*O filho natural*) atribuído à filha de Macário. »

E era, porque Tomásia, irmã de Quininha, viveu pouco tempo.

¹ *O filho natural*, 1.ª parte, pag. 28.

Sebastião Martins dos Santos, por insinuação dos parentes que êle e a mulher tinham no concelho de Gondomar, desfez a sua casa em Friúme e veio estabelecer residência no Porto, junto ao Padrão de Campanhã, onde nasceu a sua filha :

11 — Rosa Pereira França, em 1849. Esta casou com Francisco Teixeira Lopes, que teve um café defronte da estação das Devesas (hoje estação de Gaia) estabelecendo mais tarde uma padaria, que se denominava «de S. José», na rua Chã, e que êle trespassou para ir tomar conta do restaurante da Estação de Campanhã, quando o caminho de ferro do norte se ligou com o do sul pela ponte Maria Pia em 1877.

Do casamento de Rosa Pereira França com Francisco Teixeira Lopes nasceu em 1879 um filho, António dos Santos Lopes, o qual casou com D. Lucinda Barroso, rica proprietária em Viseu, cidade onde êle foi vitimado pela tuberculose em 1902.

Teixeira Lopes faleceu em 1895 e sua mulher em 1900.

Esta irmã de Quininha era a que visitava Camilo Castelo Branco no Porto, não sem desgosto de D. Ana Plácido, como referiu António de Azevedo. ¹

¹ *Os amores de Camilo*, pg. 87, nota.



Rosa Pereira França
e seu marido Francisco Teixeira Lopes

E foi o seu retrato, que inesperadamente me chegou às mãos, a origem das longas investigações que promovi para conhecer melhor toda a família de D. Joaquina Pereira.

Vamos à história do retrato.

Certo dia recebi pelo correio uma carta e uma fotografia que me eram enviadas pelo sr. Carlos Duarte Amaral, portuense residente perto de Lisboa, na Amadora, e fervoroso camilianista, que eu aliás não tinha ainda a honra de conhecer.

Na sua amabilíssima carta, o sr. Amaral explicava gentilmente a oferta da fotografia dizendo :

«Para V. ver que as suas informações foram boas ¹ e que realmente era mocetona de lindas cores e guapo talhe, ahi remetto a reproducção d'uma photographia quando ella contava 45 annos».

As informações a que o sr. Amaral se refere tinha-as eu recebido outrora de origem fidedigna, bem como as que diziam respeito a Joaquina Pereira França.

Contava-me o sr. Amaral que, aos dez anos de idade, quando seu pai era chefe do movimento do caminho de ferro do Minho e Douro, conhecêra D.

¹ *Os amores de Camilo*, pg. 87.



Rosa Pereira França, cunhada de Camilo

(Segundo a fotografia oferecida pelo sr. Carlos
Duarte Amaral)

Rosa Pereira França, cujo marido explorava nessa época o restaurante da Estação de Campanhã ; acrescentava que D. Rosa era uma boa criatura que o regalava com guloseimas e alguns patacos para comprar peões ; finalmente, dizia conservar muito viva a memória desse período da sua infância, graças às frequentes dádivas que D. Rosa lhe prodigalizava.

Quando eu vi plenamente confirmadas pelo retrato dela as minhas anteriores informações, renovei diligências para saber se existiria algum retrato de Quininha. que, segundo essas mesmas informações, devia ter sido mulher de bela plástica. sadia e forte como sua irmã Rosa.

Retrato da primeira mulher de Camilo não appareceu nenhum ; não existe. segundo afirmam parentes, que, todavia, dizem saber por tradição que Joaquina se parecia muito com Rosa.

Então suspeitei que nas outras cunhadas do romancista prevalecesse o mesmo tipo de família, que todos elas fossem bonitas mulheres, de formas opulentas, feições não direi delicadas, mas simpáticas, cabello farto, olhos expressivos de bondade atraente.

Foi ainda o sr. Carlos Duarte Amaral quem, com a maior dedicação, procurou e obteve no Porto, por

favor do sr. Avelino de Castro Martins, ¹ filho de D. Ermelinda, as indicações genealógicas e biográficas, assim como os retratos, que reproduzo nesta monografia, e constituem um achado felicíssimo, como raras vezes acontece.

Fomos autorizados a tirar cópias das fotografias, cavalheirosamente confiadas ao sr. Amaral; e além de completas informações genealógicas e biográficas, recolhemos a interessante versão de família sobre o infeliz casamento de Joaquina Pereira.

Assim é que podêmos dar o retrato dos sógros de Camilo, o de D. Rosa com o marido, e o grupo das irmãs e irmão de Quininha.

Observando este grupo verá o leitor que a minha suspeita não foi errónea, porque as cunhadas de Camilo, conquanto já não estivessem na mocidade quando se fotografaram, mostram ter sido guapas mulheres e conservar o tipo feminino de família, herdado da mãe, sucedendo que D. Jerónima, cujas feições eram mais finas, foi a única que morreu solteira.

Seu irmão, António Martins dos Santos, o qual

¹ Relembrei que este cavalheiro reside no Porto, rua de Cedofeita n.º 589.



Cunhadas e cunhado de Camilo

Da esquerda para a direita : Rosa, Jerónima, Vitória,
António, Ermelinda e Engrácia

veio à pátria em 1881, 1897 e 1902, sempre acompanhado pela esposa. D. Maria Luisa dos Santos, era também, na época do retrato, um homem bem parecido.

Hoje, além dos desgostos que depois o acabrunharam porque perdeu os seus maiores haveres num *krach* do café como sócio da firma comercial Machado Guimarães — Horta — Santos & C.^a, deve avergá-lo o peso da extrema velhice — quase oitenta anos de idade.

O pai, quando saiu de Friúme com a família, empregou-se no Porto como caixeiro em casa de José Magalhães, posteriormente em casa de José Ehlers e, por ultimo, tendo-lhe dado crédito o negociante de trigo José Paulo, montou uma padaria na rua do Sol.

Dali mudou, com o mesmo negócio, para a rua de Trás, sendo aí melhor sucedido, mas como a casa fosse pequena e êle quisesse sentar algumas vezes à sua mesa toda a família, transferiu-se para a rua Chã, contra a opinião sensata da mulher, que se desgostou a ponto de ter estado doente, não sem alguma gravidade.

Foi na casa da rua Chã que Sebastião Martins dos Santos faleceu, repentinamente, muito contrito, nos braços de sua filha Jerónima, aos 23 de setembro de 1871.

A mulher, Maria Pereira França, sobreviveu-lhe dois anos e alguns meses, expirando no dia 6 de fevereiro de 1874.

Agora, antes de fazer especial menção de Quinha, revocaremos a tradição de família no que ela tem de comum ao pai e à filha.

Sebastião Martins dos Santos — dizem os seus descendentes — era homem inteligente e honrado, tinha alguma instrução e gostava muito de lêr, sendo a Bíblia o seu livro predilecto.

Quando Camilo appareceu em Friúme, admirou-lhe a intelligência, afeição-se-lhe e planeou protegê-lo encaminhando-o à vida eclesiástica. Com este fim lhe propôs que fosse aperfeiçoar-se em latim com o padre Manuel da Lixa, morador na Granja Velha, prontificando-se a pagar todas as despesas.

Mas entretanto Camilo enamorára-se da filha mais velha de Sebastião Martins dos Santos, renunciando ao sacerdócio.

Fez-se o casamento, sem que de nenhum modo concorresse para êle a ideia de que o jóvem Camilo pudesse vir a receber uma grande herança como a atoarda ingénua dos camponeses apregoava.

Ele sabia muito bem, diz a família, que não era assim; que o genro nem herdára, nem tinha a herdar.

Neste ponto estamos de acôrdo. Sebastião Martins dos Santos fâcilmente poderia saber, com segurança, as circunstâncias financeiras em que se encontrava Camilo.

Mas o que é certo é que o casamento o contentou, porque reconhecia que o genro, ainda que sem bens de fortuna, poderia, pela sua intelligência, ter um futuro brilhante.

Foi o próprio Camilo que então alvitrou a carreira a seguir: queria ser médico.

Era uma sugestão vinda do exemplo dado pela família Azevedo, da Samardan: não podendo ser sacerdote como padre António, pois já tinha casado, desejava fazer o curso de medicina como o cunhado, irmão do padre.

Sebastião Martins dos Santos anuiu, e mandou Camilo para o Porto estabelecendo-lhe a mesada de duas libras.

Mas, imprevidentemente, deixou-o ir entregue a si mesmo, em plena liberdade dos seus verdes anos, para uma cidade ondê os perigos da tentação eram muito maiores do que na aldeia de Friúme.

O sôgro deveria ter aconselhado que a filha acompanhasse o marido, porque o amor, quando sincero como o de Quininha, não é só pródigo de affectos que

vencem pelo carinho, mas também exerce uma suave acção educativa e moderadora.

Camilo submeter-se-ia dócilmente a esse terno jugo: assim no-lo faz crêr o facto de êle ir passar as férias em Friúme junto da mulher, facto que os descendentes de Sebastião Martins dos Santos aliás confirmam.

Quininha era uma criança — logo diremos a sua idade — mas sobejavam-lhe graças e virtudes que prolongassem o encanto da vida doméstica, além de que, toda a mulher dedicada tem o instinto dos seus direitos conjugais e do processo de os defender por si mesma.

Todavia, no Porto, Camilo não descurou absolutamente os estudos preparatórios para o curso médico—porque no dia 12 de outubro de 1843 fazia exames de gramática e lingua latina, obtendo aprovação unânime, *némine discrepante* como então se dizia, e de gramática e lingua francesa, sem maior classificação que a de *simplíciter*.

No dia 13 era examinado em filosofia racional e moral, sendo classificado do mesmo modo que no exame de francês.¹

¹ A investigação dêstes exames liceais pertence ao sr. dr. Maximiano Lemos (*Arq. de Hist. da Medicina Portuguesa*), n.º 1, do 7.º ano (1916).

Desde esse dia, Camilo ficava legalmente habilitado a matricular-se na Escola Médica, e assim fez no dia 16.¹

Apresentando certidão de o ter feito, foi admitido, na Academia Politécnica, à matrícula na aula de química, porque esta disciplina, para o efeito da matrícula, das propinas e da frequência, estava englobada no 1.º ano da Escola Médica (anatomia), do mesmo modo que zoologia e botânica o estavam no 2.º ano (fisiologia e higiene).

O curso de medicina fazia-se com deminuta despesa no respeitante aos encargos propriamente escolares. A abertura de matrícula em cada ano da Escola custava 9\$600 réis (duas moedas) e o encerramento igual quantia. A carta de formatura importava em 14\$000 réis, e os emolumentos de secretaria eram modestos.

¹ O Decreto de 29 de dezembro de 1836 exigia, para a matrícula nas Escolas Médicas de Lisboa e Porto, certidão de idade de 14 anos e dos exames das quatro primeiras cadeiras e da sexta do curso dos liceus. (Eram as de português, latim, francês, inglês, ideologia, gramática geral e lógica, moral universal, geografia, cronologia, e história). Mas estabelecia um período transitório em que seria permitida a matrícula pelos regulamentos anteriores até cinco anos depois de estarem regularmente estabelecidos os liceus dis-

Pode calcular-se que, no fim do seu curso, o aluno pouco mais de cento e dez mil réis teria pago ao Estado.

E quanto ao que então se chamava «o passado», a vida dos estudantes no Porto era muito favorecida pela modicidade dos géneros alimentícios e do aluguer das casas.

Mas compreende-se que da mesada de duas libras pouco ou nada sobejasse a Camilo para as suas patuscadas de rapaz. Não admira, pois, que fizesse algumas dívidas, as quais não podiam ser grandes por falta de crédito ou penhor. E aos dezoito anos também não admira que, além de dívidas, fizesse rapaziças, gratuitas ou pouco dispendiosas.

Sebastião Martins dos Santos, mediante informações mais ou menos certas, veio a sabê-lo e nas férias, em Friúme, repreendeu severamente o genro, que num momento de desespero bradou á mulher :

tritais. Ora o regulamento de 23 de abril de 1840 manteve ainda o período transitório e especificou como preparatórios para a referida matrícula a língua latina e a lógica. Portanto, Camilo requerêra voluntariamente o exame de francês, língua de que já tinha começado a aprender a gramática na Samaritan (*Seroens* de *S. Miguel de Seide*, III, pag. 76) com padre António de Azevedo (carta-dedicatória no romance *O bem e o mal*).

— A minha vontade era arrasar estas paredes. O sôgro ouviu isto, expulsou Camilo e disse á filha que esquecesse para sempre o marido ou então que fosse viver com êle : querendo ir, que nunca mais lhe chamasse pai nem lhe tornasse a aparecer.

Em geral são os velhos que, pela sua experiência, moderação e serenidade, aplacam as tempestades domésticas. Mas não aconteceu assim em casa de Sebastião Martins dos Santos, conquanto êle fosse homem de bons sentimentos e inteligente. Faltava-lhe, porém, a serenidade indispensável no homem que tem de perdoar e dirigir : digo perdoar, porque muitas vezes, quase sempre, perdoar é dirigir pelo exemplo e pela mansidão.

Estas minhas considerações discordam, até certo ponto, dos apontamentos que constituem uma versão de família.

Sinto que seja assim, mas são os próprios factos que autorizam a minha maneira de vêr.

Sigámo-los, pois.

¿ Camilo, depois do rompimento com o sôgro, esqueceu, desprezou sua mulher? Não. Por aqueles mesmos apontamentos soube o sr. Carlos Amarel que o cunhado de Camilo, ainda hoje residente no Brasil, dissera um dia ao pai, como criança inconsciente que então era, ter visto a Quininha ir escon-

der um embrulho no fôrro do tecto. Penalizava-o ter revelado este segredo, que surpreendêra e denunciára sem prevêr as suas possíveis consequências.

Sebastião Martins dos Santos foi ao esconderijo e examinou o embrulho.

Eram cartas de Camilo, recebidas a ocultas, pela saudosa Quininha.

Portanto, Camilo não esquecêra nem desprezára a sua linda mulher, depois que o sôgro o banira da casa de Friúme.

Muito irritado, Sebastião Martins dos Santos castigou ásperamente a filha, que continuou a ver-se torturada num dilema atroz, não ousando abandonar o pai para ir viver com o marido.

E, contudo, aquele maço de cartas bem poderia ter sido uma optima ponte de recíproca transigência por onde Camilo corresse a lançar-se nos braços de sua infeliz mulher, tão sofredora e submissa, pobre criança sem ventura.

Criança, sim.

¿ Sabe o leitor a idade de Quininha quando, em Ribeira de Pena, casou com Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco no dia 18 de agosto de 1841?

Pois fique desde já sabendo que era ainda mais nova do que Camilo.

Não perfizera quinze anos.

Di-lo o seguinte documento, que pela primeira vez trago a lume :

Américo Jazelino Dias da Costa, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Oficial do Registo Civil do Concelho de Gondomar :

Certifico que do livro competente de registos, existente na Repartição a meu cargo, a folhas duzentos setenta e cinco verso consta um do teor seguinte : — «Joaquina filha legitima de Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira de França do lugar do Taralhão da freguesia de Sam Cosme de Gondomar, Bispado do Porto. Neta paterna de José Martins dos Santos, e de Elena Martins. E materna de Manuel Pinto de Castro, e de Maria Pereira de França. Nasceu a vinte e três de Novembro de mil e oitocentos e vinte e seis, foi na Igreja d'esta freguesia batisada pelo Padre José Martins de minha licença no dia vinte e cinco do dito mês e ano tocou a criança na Pia Batismal o dito José Martins dos Santos por procuração de Antonio Francisco Monteiro Guimarães, e Madrinha foi Joaquina Vieira Pinto fiz este assento. O Reverendo (?) Manuel Martins. Sebastião Martins dos Santos. De José M (lugar do sinal de crús) artins dos Santos.

Nada mais consta do referido assento que fielmente fica trasladado.

Gondomar e Repartição do Registo Civil em 3 de Junho de 1916 e dezasseis.

O Oficial, *Américo Jazelino Dias da Costa*.

Camilo, no *Amor de perdição*, comenta irónicamente o amor da mulher aos quinze anos, mas é essa a idade que atribue a Teresa de Albuquerque, cujo amor êle pintou leal e constante.

Teresa de Albuquerque não teve existência real, quem existiu de facto foi Joaquina Pereira França, que desde os quinze anos — Camilo bem o sabia — amou com ternura e perseverança o mesmo homem.

E' ela, pois, que personaliza a excepção se houvermos de generalizar como verdadeira a inconstância feminina aos quinze anos.

Bem cedo madrugou em Quininha a mulher espiritual, a mulher de coração e character.

Ao mesmo passo, tambem precocemente, o seu corpo havia atingido um desenvolvimento em que já florescia exuberantemente os encantos da nubilidadade.

Lembre-se o leitor do rápido retrato que deixei esboçado em poucas palavras nos *Amores de Camilo*:

«Forte e sadia, reforçada, de peitos altos, estatura regular ; nas faces morenas, um clarão de ingenuidade alegre, de bondade expansiva.»

E se o leitor fôr tão meticoloso que se não contente apenas com palavras, julgue a figura de Joaquina Pereira França pelo retrato de sua irmã Rosa, que tem presente nesta monografia, pois que os parentes afirmam que as duas irmãs eram muito parecidas.

O casamento duma rapariga de 15 anos com um rapaz de 16, ambos pobres, consentido pelas respectivas famílias, presuppõe circunstâncias imperiosas. Não tardará o momento em que esta conjectura transpareça em maior vulto. Mas pelo casamento se consegue a liquidação legal de todas as responsabilidades e desvarios do amor. E o casamento católico era, além de um pacto autorizado pelo Direito Civil, uma purificadora benção do Céu, um sacramento da «Santa Madre Igreja,» como sempre disseram nossos pais.

A linda, a bondosa Quininha deu a Camilo uma filha, nascida a 25 de agosto de 1843, em Friúme, a qual foi baptizada quatro dias depois na parochial do Salvador, sendo padrinho seu avô, Sebastião Martins dos Santos, e madrinha sua tia Vitória.

A criança recebeu o nome de Rosa.

Não me esquivarei a reproduzir na íntegra a certidão de idade :

«Certifico, para effeito literario, que n'um livro de baptismos desta freguesia existe o assento seguinte :

«Roza, filha legitima de Camillo Ferreira Botelho Castello Branco e Joaquina Pereira França, do lugar de Friume, desta freguesia do Salvador de Ribeira de Pena. Necta paterna de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e Jacinta Rosa Almeida do Espirito Santo, da cidade de Lisboa, e Materna de Sebastião Martins dos Santos e Maria Pereira de França. do lugar de Friume. Nasceu aos quinze, digo, vinte e cinco, 25, e foi baptisada solemnemente com a imposição dos Santos Oleos, aos vinte e nove do mez de agosto de mil oitocentos e quarenta e tres ; foram padrinhos seu avô, Sebastião Martins dos Santos e sua filha Victoria França, todos do lugar de Friume desta freguesia do Salvador de Ribeira de Pena. E para constar fiz este termo. Era ut supra. Na ausencia do Parocho, o P.º Manuel Balthazar Glz. E' copia fiel do original.

Salvador de Ribeira de Pena 1 de junho de 1915.
O Parocho, *Alvaro Augusto de Carvalho Pimenta.*»

Ao parto de Quininha sobrevieram abcessos do

seio, que impediram a amamentação. factos aliás vulgares nas primíparas.

Mas a sogra de Camilo, que tinha dado à luz recentemente mais uma filha, ¹ criou ao seu peito tanto a filha como a neta.

Este é que não é um facto vulgar.

Em verdade há muito de extraordinário no primeiro casamento de Camilo, rodeam-no circunstâncias inverosimilmente romanescas, relances de maravilhoso, próprios de contos fantásticos, em breve perturbados por uma conflituosa e banal realidade.

Assim, pois, o nascimento da filha, contra o que se devia esperar, não melhorou a sorte dos cônjuges, nem modificou a attitude do sôgro de Camilo.

As informações colhidas no Porto pelo sr. Carlos Amaral são omissas quanto aos factos que decorreram desde o nascimento de Rosa até à morte da mãe.

Mas o *Romance do romancista* e os *Amores de Camilo*, baseados nos apontamentos que em 1889 recebi de Ribeira de Pena, dizem que Joaquina Pereira França procurára insistentemente atrair a Friú-me o marido: que êle cedêra e fôra ali vêr e beijar a filhinha, sendo vigiado sempre pelo sôgro para evi-

¹ Ermelinda, nascida a 23 de julho de 1843.

tar uma aproximação íntima entre marido e mulher ; que, finalmente, estes combinaram entre si juntar-se no Porto quando Camilo tivesse concluído a formatura em medicina.

Era uma esperança a longo prazo e devia ser a mais falaz das ilusões.

Banido de Friúme, Camilo ia passar as férias com sua tia D. Rita em Vila Real e foi aí que se enamorou de Patrícia Emília do Carmo, fugindo ambos para o Porto, onde fôram presos.

Este facto escandaloso tivera grande notoriedade e é provável que Joaquina Pereira França o soubesse em Ribeira de Pena.

Pode imaginar-se a sua imensa amargura, o seu grande desalento ; as lágrimas que choraria, a ocultas do pai, quando beijava ternamente as faces rosadas da sua filhinha.

Como Penélope, esperava leal e saudosamente o marido errante, pensando nêle dia e noite, mas a teia do seu tear era tecida de farrapos do coração dilacerado e, se em cada alvorada a recomeçava, em cada ocaso a desfazia, vendo que o marido não voltava.

Mais que uma doença accidental foi este cruciante desgosto, recalcado no imo peito, que matou a desditosa Quinhina. Morta vivêra éla o último ano de sua vida.

A certidão de óbito é dum laconismo e segura, que repugnam. Oculta-se o nome do marido e até o dos pais e não se declara que fosse enterrada dentro da igreja, mas fica-se sabendo que fôra lançada à sepultara *como pobre*.

Eis o teor desse miserando documento;

«Joaquina, casada, do logar de Friume e freguezia do Salvador de Ribeira de Pena, falleceu com todos os sacramentos em dia vinte e cinco e foi sepultada aos vinte e sete de Setembro de mit oitocentos e quarenta e sete, foi sepultada como pobre, nada teve, e para constar fiz este termo, Era *ut supra*. O Parocho José Antonio Rodrigues. *Nota à margem*: Friume. Teve missa cantada.»¹

A mais vil das mulheres não seria registada no obituário paroquial em termos mais degradantes.

Que infortunados vinte anos!

E, contudo, D. Joaquina Pereira França Castelo Branco tinha sido filha respeitosa e submissa, esposa dedicada e fiel, mãe carinhosa e exemplar.

Choraram-na os pobres, gratos à piedade com que os esmolava.

¹ O Romance do romancista, pg. 49.

Camilo não foi chamado a Friúme, e por isso se agravou talvez o seu ressentimento contra o sôgro, pois que as informações de família, tais como foram colhidas, nos contam os seguintes factos :

«Camilo, depois da morte da mulher, para arrear o sôgro, dizia a toda a gente que havia de ir buscar a filha para a sua companhia. Mas a Rosita, quando lhe diziam isto, agarrava-se ao pescôço do avô e pedia-lhe que fugisse com ela e a escondesse. Era grande o amor dos avós pela neta, a ponto de Sebastião Martins dos Santos dizer que preferia que Deus lha levasse a ter que entregá-la ao pai.»

E morta a viu bem depressa, porque a pobre criança apenas sobreviveu à mãe cinco meses e alguns dias.

«Certifico, para effeito literario, que num livro dos obitos do registo parochial desta freguesia existe o assento seguinte :

«Roza, filha legitima de Camillo Ferreira Botelho Castello Branco e Joaquina Pereira França, menor de cinco annos de idade, do lugar de Friume, desta freguesia do Salvador de Ribeira de Pena, falleceu no dia dez e foi sepultada, dentro da Egreja, dia onze de março de mil oitocentos e quarenta e oito, do que

fiz este termo. Era ut supra. Na ausencia do Abb.^e
— O P.^e Domingos J.^e Glz.»

E' copia fiel do original. Salvador de Ribeira de
Pena 1 de junho de 1915.

O Parocho, *Alvaro Augusto de Carvalho Pimenta.*»

Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses...

Mas, se não tivesse morrido em tenra idade, creio
bem que o romancista a iria buscar a Friúme. não
por acinte ao sôgro. mas para ser educada no Porto,
e, sobretudo, para êle mesmo dulcificar no affecto
à filha a amargá saudade da mãe.

E esse seria o caso, aliás vulgar, em que os bei-
jos dados aos filhos levam doloridas confissões dum
passado inconfessável.

¿ Ficou a família de Sebastião Martins dos San-
tos a odiar Camilo? Não, certamente porque o não
responsabilizou pelos factos que a fatalidade de in-
felizes destinos encadeou terrivelmente.

Sabemos que D. Rosa Pereira França, cunhada
de Camilo, o visitava no Porto, quando êle era já
um escritor insigne.

E, pelas informações de família, sabemos tambem
que o sr. António Martins dos Santos, vindo do Bra-
sil a Portugal, pela primeira vez, em 1881, fôra a
S. Miguel de Seide para visitar seu cunhado, que

muito admirava, e que o romancista, «talvez receoso,» se negou, apesar de ter sido visto à janela.

Receoso, sim, mas de, num momento de expansão sincera, confessar em voz alta o segredo da sua amargura íntima.

O grande escritor nem sequer poderia reconhecer o sr. António Martins dos Santos, se o viu da janela, porque o irmão de Quinha tinha quatro anos de idade no tempo em que Camilo casou e não mais de onze quando foi para o Brasil.

Aqui fica exarada em todos os pormenores a tradição de família.

Agora pouco mais.

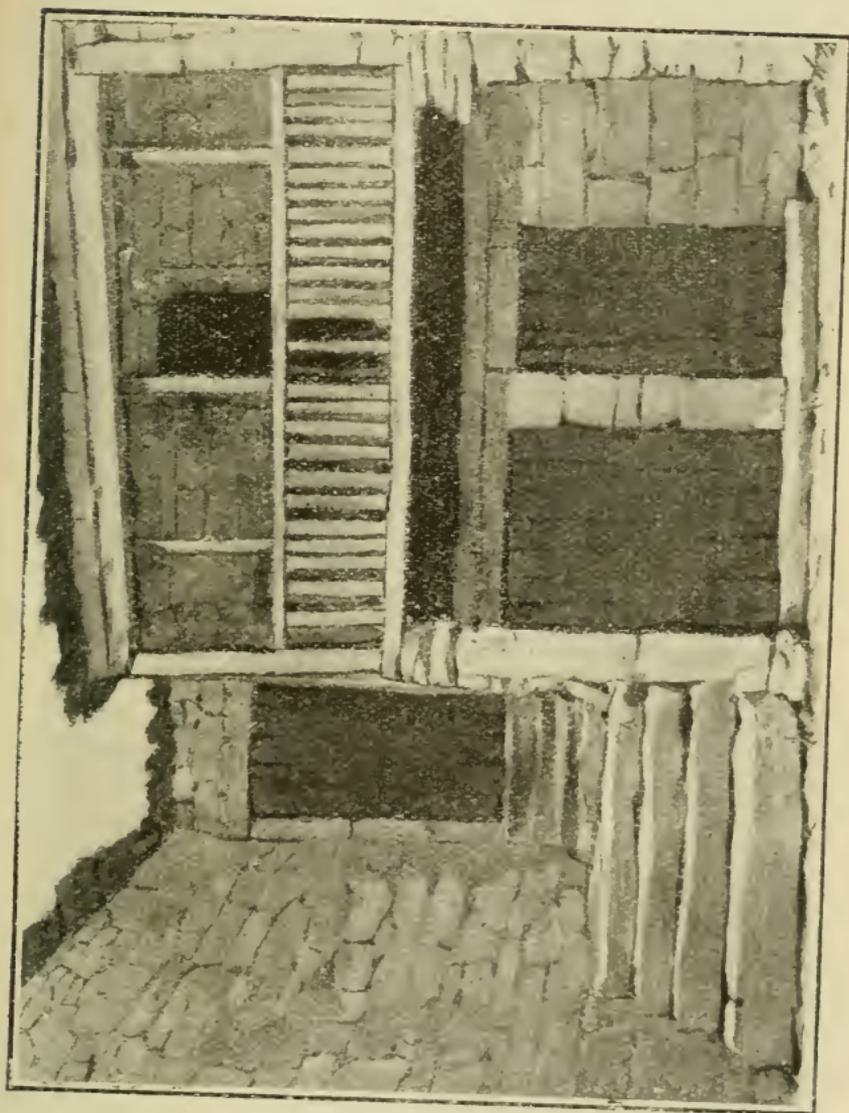
No *Romance do romancista* (pag. 118) incluí uma fotografia da casa de Camilo e Joaquina Pereira em Friúme.

Tinha-me sido cativamente enviada, a meu pedido, por uma respeitabilíssima pessoa de Ribeira de Pena.

Durante vinte e tantos anos ninguém, que me conste, impugnou que fosse aquela a casa autêntica onde os noivos residiram.

Mas informações recentes e autorizadas vieram afirmar-me ser outra a casa que devia ter sido fotografada.

Estas informações surpreenderam-me, contudo a



Frente da casa de Camilo em Friúme

autoridade da sua origem abonava-as como verídicas, e por isso solicitei qualquer desenho, um simples esbôço, se não pudesse ser uma reprodução fotográfica.

O sr. padre Alvaro Pimenta, digno pároco da freguesia do Salvador em Ribeira de Pena, prontamente satisfez a minha solicitação.

A casa de Camilo e a do sôgro são contíguas, mas sem nenhuma comunicação interior, e com entradas independentes.

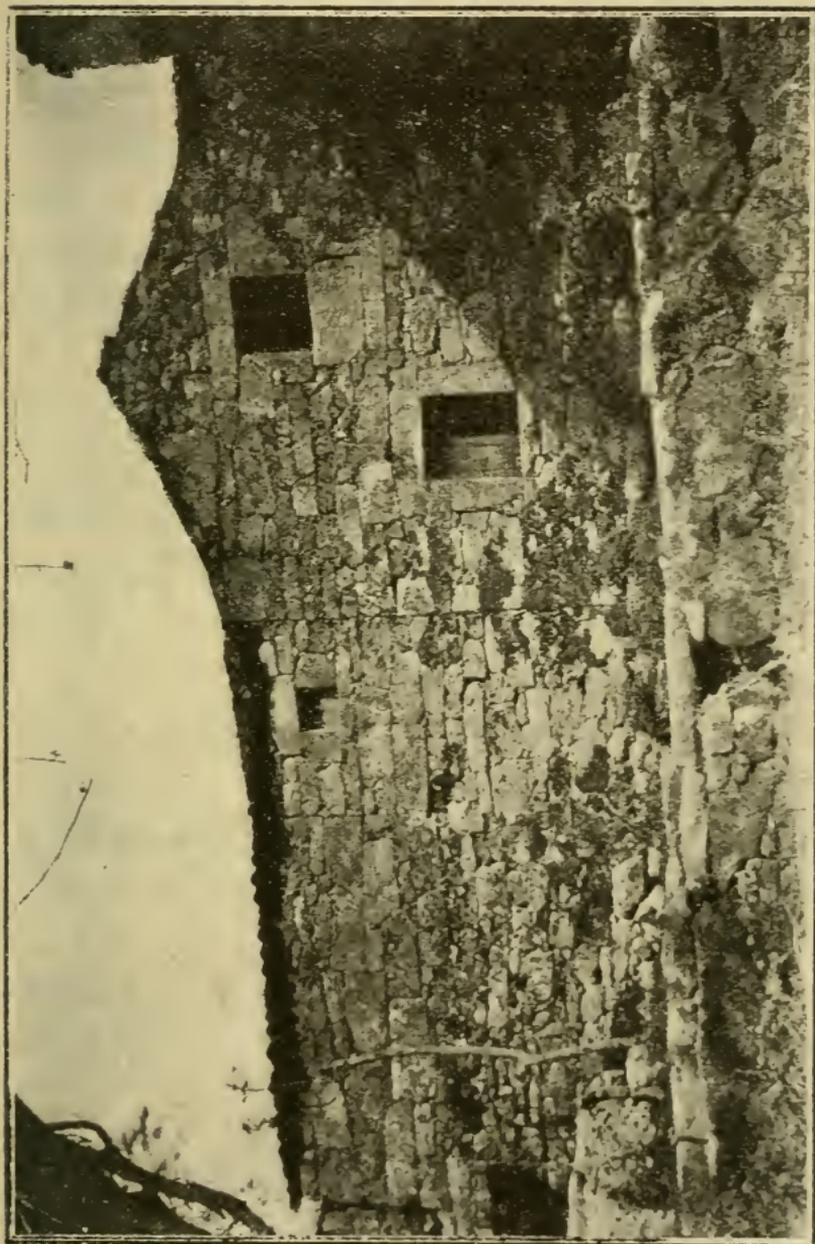
Especializemos a de Camilo, que tem à frente uma cancela, um muro e o quinteiro, separados da estrada ¹ cêrca de três metros.

E' humilde, muito aldeão, o seu aspecto. Não lhe falta a tradicional varanda de madeira, tão portuguesa, tão vulgar em todo o país, mórmente nas províncias do norte.

Devemos supôr que a linda Quininha teria a sua varanda bem florída de amores-perfeitos e cravos, a sorrirem a alegria duma habitação de noivos nas lânguidas manhãs do noivado.

A dentro da cancela alguns degraus de pedra dão ingresso para a cozinha, ficando à direita a varan-

¹ Era a antiga estrada que seguia para Vila Pouca e Chaves.



Traseiras da casa de Camilo, à esquerda (uma só janela) e da casa do sôgro, à direita (duas janelas)

da, cuja porta comunica com um sobrado, immediato á cozinha.

Eis tudo.

Nos baixos da casa avultam, com alguma galhardia, duas portas, que são das córtes, note-se, boas córtes, segundo o critério económico das aldeias, onde o gado é um valor mais cotado que o homem.

Camilo e Quininha tiveram uma criadita, Maria Rita Machado, que ainda existe nonagenária, completamente desmemoriada, e residente na casa habitada outrora por Sebastião Martins dos Santos.

Na casa em que morou Camilo mora hoje uma pobre mulher de nome Ana Lopes.

O actual proprietário da casa é o médico sr. dr. Bento Augusto de Andrade e parece que tem pensado em demolí-la porque lhe tira a vista do próximo largo, «ponto principal da povoação», segundo me informam.

Sequer ao menos Camilo, ainda que em modestíssima casa, habitava no *Chiado*¹ de Friúme. Mísera compensação. . .

E o sôgro, que tinha a sua tenda na casa contí-

¹ Permita-se esta inocente ironia, porque o largo não tem nome algum, nem o tem a rua-estrada.

gua, a mesma onde residia, mostrou tino comercial na escolha do lugar.

Ambas as casas as adquirira êle.

As duas fotografias, que deixo aqui reproduzidas, representam, pois, com interessantes pormenores, toda a exteriorização do tugúrio autêntico onde Camilo se domiciliou em Friúme. ¹

Faço ardentes votos pela conservação desse histórico pardieiro, no qual, também, nasceu e morreu a efémera Rosinha e expirou sua mãe, D. Joaquina Pereira França Castelo Branco, primeira mulher legítima do preclaro escritor, obscura rapariga, cuja imagem viveu oculta no coração de Camilo, onde é preciso ir procurá-la através duma neblina de sau-

¹ Ouero dizer, a respeito de outro *prédio camiliano*, que o sr. Pedro de Azevedo, descobrindo que Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco residira algum tempo na casa que, em Lisboa, torneja, ao ocidente, da rua da Oliveira para o Largo do Carmo, chegou a suspeitar que tivesse ali nascido Camilo: ao que eu contrapus que sempre Camilo me afirmára terem-lhe dito que nasceu na casa do Largo do Carmo, onde vemos hoje a lápide comemorativa; conquanto o romancista se lembrasse vagamente de haver residido com o pai no referido prédio da rua da Oliveira.

Com a mesma lealdade com que me revelou a sua apreensão, comunicou-me o sr. Pedro de Azevedo, passado tempo,

dade, de remorso talvez, como indicam as suas torturadas palavras :

— Esse casamento foi uma infâmia.

Contudo, na vasta obra do grande Mestre surgem dispersas, como vamos ver, semelhando destroços de naufrágio num mar tormentoso, reminiscências persistentes de Friúme esvoaçando-se em torno daquela que foi no amor e no infortúnio uma lídima e quase anónima antecessora de D. Ana Plácido.

ter verificado por um livro antigo das décimas que Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco apenas morou na rua da Oliveira desde 1826 (isto é, tendo Camilo um ano de idade) até 1830.

Por que motivo seria ministrado o baptismo na freguesia dos Mártires a uma criança que nasceu na freguesia do Sacramento, a qual sempre tem compreendido o Largo do Carmo ?

O meu velho amigo dr. Garcia Denís, decano dos párcos da capital, diz-me terem-se dado vários casos análogos, por diversos motivos, especialmente o melindre de tornar pública a situação ilegal da mãe do baptizando.

IV

Interpretação da comédia o «Lubis-Homem»

Entre as recordações do tempo em que desposou Joaquina Pereira, conservou sempre Camilo, muito nítida, a do *fidalgo-mendigo* José Pacheco de Andrade, morgado de Friúme, cuja trágica biografia êle narrou em *Um livro* e a cuja morte se refere nos *Mysterios de Fafe*.

Mas esta recordação tem apenas um mero interesse topográfico, digamos assim ; evoca, unicamente, a aldeia em que o adolescente Camilo conheceu e amou a filha primogénita de Sebastião Martins dos Santos.

Mais nos importa recordar as páginas em que entrevemos a imagem de Joaquina Pereira sob o disfarce onomástico de outra mulher ; e até a hora festiva do seu consórcio e dos seus primeiros momentos no mesquinho lar sorridente.

Aqui tem o leitor uma dessas transparentes páginas, supostamente referida ao casamento do poeta Silvestre da Silva com a filha do sargento-mór de Soutêlo ;

« Sahimos para a egreja entre alas de activo bombardeamento. Eram centenaes de pessoas d'ambos os sexos.

« As velhas erguiam as mãos aos ceus, exclamando :

« — Como tu vaes linda ! Bemdito seja Deus ! Parecez Nossa Senhora !

« Confessamo-nos, comuungamos e recebemos as benções.

« Desde que sahimos da egreja até á entrada de casa. caminhamos sempre debaixo de nuvens de flores. O estrondo dos bacamartes era atroador, e os dois sinos ¹ da freguezia repicaram desde que sahimos do templo até ao anoitecer d'esse dia.

« Meia hora depois que chegamos, entrei no quarto de minha mulher e encontrei-a de joelhos diante duma imagem de *S. João dos Bem-Casados*.

« Ergueu-se ella, benzendo-se, e esperou que eu a beijasse pela segunda vez. Penso que o publico

¹ A igreja do Salvador de Ribeira de Pena tem duas torres e dois sinos.

me releva a confissão de que, ao dar-lhe este segundo beijo, encontrei os seus lábios. Era o instinto das sensações agradáveis, mas honestas, que ensinou a minha mulher o segredo do maximo prazer de um beijo. ¹»

Este último período é mais etéreo do que a impressão que nos deixam algumas páginas naturalistas da *Maria Moysés* e algumas claras scenas da comédia póstuma *O Lubis-homem*.

Por agora falemos da comédia.

Fui eu que a prefaciei por convite dos editores, e logo no início da prefação assentei uma tése. que me propus demonstrar.

Vinha falando do autor, e disse :

«A comedia *Lubis-homem* é nada mais e nada menos que a historia provavelmente exacta do seu galanteio e casamento com Joaquina Pereira. O disfarce em *Lubis-homem* talvez seja exacto tambem. O namôro fôra um desenfado de estudante, sem previsão das consequencias que podia trazer. Mas as circumstancias complicaram-se perante a attitude severa do pai de Joaquina Pereira e da gente do campo. que costuma resolver á valentona as questões que põem em jogo a honra das familias. A pobre cam-

¹ *Coração, cabeça e estomago*, terceira parte.

poneza sustentava com lágrimas, em vez de palavras, o seu direito a uma reabilitação. Camillo viu-se rodeado de ameaças, e a consciencia gritou-lhe que quem faz o que deve, deve o que faz. As lágrimas de Joaquina Pereira apressaram a solução do conflicto. Camillo casou. Deve ter sido esta a historia do seu primeiro casamento, contada por elle mesmo.»

O *Diário da Tarde*, folha portuense, noticiando a aparição da comédia, prefaciada por mim, insinuava que eu a tinha prefaciado mal.

Havia naquele diário alguém que sempre me queria ser desagradável. Nunca procurei saber quem fosse. Mas se das outras vezes isso me não tirava o sono, dessa vez tive dó do sujeito que, nem com o auxílio da minha lupa, sabia ler nas entrelinhas da comédia.

Rodaram alguns anos e o sr. dr. Sérgio de Castro, na sua vasta obra *Camillo Castello Branco*,¹ categoricamente afirmou, sem hesitações, que a exactidão e a verdade eram manifestas naquele meu prefácio, malsinado anónimamente.

Diz s. ex.^{cia} no volume III, a páginas 36, referindo-se ao Mestre :

« . . . o sr. Alberto Pimentel, que considera o *Lu-*

¹ Em três volumes. Lisboa, 1914.

bis-Homem como sendo, nem mais nem menos, um episodio provavelmente exacto do seu galanteio e necessario casamento com Joaquina Pereira, do logar de Friume, concelho de Ribeira de Pena — um pedaço de terra privilegiada de naturaes bellezas, que se aperta entre os extremos de Traz os Montes e Minho.

«Mais do que *provavel*, o consideramos nós como *certo*.

«Conhecemos o meio onde se produziram esses amores ; visitámol-o por muitas vezes ; ouvimos testemunhas vivas, contemporaneas d'esses devaneios de rapaz sem cuidados, e o meio, as testemunhas nos certificaram que na comedia com effeito se trata da vida alegre do futuro romancista, doidivas estroina e desabusado, personificando-se em Carlos de Athayde. . . »

O homem do *Diário da tarde* deve ter embuchado gravemente.

A comedia decorre, em 1846, Entre-Douro-e-Minho, designação vaga que a seu tempo se restringe e aclara numa rubrica.

São personagens principais :

João da Eira (Sebastião Martins dos Santos).

Marianna, sua filha (Joaquina Pereira França).

Carlos de Ataíde (Camilo).

O Vigário de S. Salvador (Padre Manuel Rodrigues ou padre Manuel Lixa ¹ com quem Camilo fôra aperfeiçoar-se em latim na Granja Velha).

E completam a ementa dos actores :

Manoel do Portêlo.

Miquelina do Prado.

Um Padre.

Seis ou mais encamisados.

Dous fantasmas.

Gente do povo, patrulhas, etc.

O primeiro acto passa-se na eira do *tio* Manuel do Quincho em noite de espadelada — um dos mais alegres serões da vida aldeã.

Há raparigas espadelando e, junto delas, rapazes que as auxiliam, quebrando os feixes de linho. Há cantos, musicata, encamisados, que veem de Escarei (lugar da freguesia do Salvador), danças, amores, despiques, pauladas e tumultuoso pavor quando aparece o *lubis-homem* — transformação dum dos

¹ «... não te recordas dos nossos condiscipulos na aula do padre Lixa ha vinte e cinco annos?»

Noites de insomnia, n.º 7, pág. 28.

encamisados, Carlos de Ataíde, que foge surrateiramente com Mariana.

A rubrica indicativa do scenário do segundo acto é aquella a que há pouco aludimos como esclarecedora do exacto lugar em que a acção decorre.

«A' esquerda a frontaria *da egreja de S. Salvador*, deixando vêr um dos pannos da parede, com passagem contigua. Ao fundo, a casa da residencia do vigario, com entrada ao rez-do-chão. A maior parte do palco é uma alamêda ou adro.» -

Trata-se, pois, da freguesia do Salvador em Ribeira de Pena, que comprehende o lugar de Friúme.

Neste acto realiza-se o casamento religioso duns noivos residentes naquella paróquia.

Camilo descreve, noutra rubrica, os festejos tradicionais com que tambem as suas bôdas tinham sido celebradas em 1841, acentuando ainda mais que no *Coração, cabeça e estomago* o pormenor das atroadoras detonações.

«Alguns rapazes dos que vimos no 1.º acto, vestidos de festa, disparam os seus bacamartês, e mostram-se muito azafamados n'este entretenimento. Ouve-se o sino da egreja repicando. Depois, do interior do templo, sahem uns esposados, a quem muitas moças lançam flores, entre ruidosas aclamações de *flores á desposada!* Os moços continuam o seu

tiroteio, com grande garbo e aprazimento de suas pessoas . . . A desposada e o desposado podem ser quaesquer figurantes. Acresce aos designados o reverendo parochio da freguezia, d'estolla e sobrepeliz.»

João da Eira, alheado da alegria dos outros, diz ao vigário que deseja falar-lhe em segredo. E o pároco apressadamente despede o rumoroso cortejo nupcial. Ficam sós os dois no adro da igreja.

Então o pai de Mariana, muito crédulo e timorato, faz esta revelação ao padre :

JOÃO DA EIRA

O lubis-home, sr. *vigairo*, é o estudante de *grammátégas* que v. s.^a cá tem a ensinar.

VIGARIO

O estudante ! . . . eu cada vez percebo menos ! . . .

JOÃO DA EIRA

Quer o sr. *vigairo* saber se elle é ou não é lubis-home ? . . . Olhe se elle está em casa á sexta feira . . .

VIGARIO

N'esses dias vai elle visitar a familia a «Villa Real».

JOÃO DA EIRA

Não cômoo essa, sr. *vigairo*, e perdoará em lh'eu ir á mão. Olhe (*apontando para os olhos*) com estes vi-o eu a espolinhar-se no meu souto da Reboleira, e depois . . .

VIGARIO

Que diz, sr. João, que está vocemecê ahi a dizer disparates! . . .

JOÃO DA EIRA

Deus me não ajude, se isto assim não é . . . A mulher lá a tenho emprégadinha, que se não me mexe; a filha está que ninguem a conhece, engehhada, magra e cheia d'ossos, e tudo isto foi . . . faz no sabbado tres mezes que eu fiz a minha espadada.

VIGARIO

Homem, eu estou abysmado! Então o rapaz bateu-lhe na familia?

JOÃO DA EIRA

Foi o lubis-home, por que v. s.^a bem sabe que os lubis-homes, estando no *carátele* da sua *própia* pessoa, não fazem mal; mas como eu vinha dizendo, no fim da minha espadada appareceu o lubis-home,

e fugimos todos ; só a minha Marianna ficou de fóra, por não poder entrar, e tal medo apanhou que me está tolhidinha. Não tem vontade de comer, anda sempre a chorar, não vai ao campo, e diz o barbeiro-çurgico que ella tem uma obstrução, no corpo, salvo tal logar.»

O estudante aparece a propósito e, sendo inquirido pelo vigário na presença de João da Eira, mostra-se irónico, motejador. Para assustar o pai de Mariana confessa ser lubis-homem.

Indigna-se o vigário. Diz a Carlos de Ataíde que se retire e procura tranquilizar o lavrador afirmando-lhe que é mentira haver lubis-homens.

Por isso, ao despedir-se do pároco, João da Eira vai mais calmo, mas não tarda a aparecer-lhe um fantasma de manto branco raivando ameaças e maldições contra o boçal lavrador por ter difamado um inocente.

João da Eira, espavorido, roja-se súplice, implorando piedade. O fantasma increpa-o, intimida-o, barafusta, mas perdoa magnánimo.

Afasta-se o timorato lavrador e assoma à porta da residência a criada do vigário, bradando por Carlos de Ataíde para lhe perguntar se êle levou algum lençol da cama.

E o estudante, já desmascarado, responde-lhe :
— Está aqui.

No terceiro acto o scenário representa o arraial de S. Bartolomeu em Cavez, romaria famosa a que concorrem muitas pessoas por suposta obsessão de espíritos malignos.

João da Eira leva a filha à romaria para lhe serem feitas as rezas do estilo, que põem o diabo fóra dos corpos em que se incubou.

A rapariga, constrangida, envergonhada, não quiere sujeitar-se ao exorcismo, mas, como isto mesmo parece diabolice, arrastam-na à presença do padre.

Neste momento, um rapaz bem trajado, com o rosto meio occulto num lenço branco, aproxima-se e, casquinando uma risada, some-se na multidão.

MARIANNA

E' elle . . . E' elle a rir-se de mim !

PADRE

Elle . . . quem ?

VOZES

E' o *esprito* que sahiu . . .

Esta scena repete-se durante o esconjuro e Ma-

riana, querendo agarrar o desconhecido, desfalece extenuada.

Reanimando-se, corre um olhar penetrante pelo arraial à procura de alguém e, ouvindo estalar uma terceira risada, vai, de salto, aferrar nervosamente o motejador contumaz.

Levanta-se um grande borborinho em torno dêle, Manuel do Portêlo destapa-lhe a cara, mas João da Eira, reconhecendo o lubis-homem, estremece e grita que o larguem.

Mariana desilude o pai confessando ter sido seduzida por aquelle estudante com promessa de casamento.

O tumulto aumenta no arraial, o povo clama vingança, e uma patrulha prende Carlos de Ataíde.

Mas quem se não contenta apenas com a prisão é Manuel do Portêlo, o qual aponta uma paulada à cabeça do estudante.

Intervêm o vigário lembrando a Carlos de Ataíde o cumprimento dos seus deveres de honra.

Para se livrar de maior entalção, o estudante submete-se, e fica ali resolvido fazer-se o casamento nesse mesmo dia.

A folia do arraial recomeça, dança-se e canta-se a chula, passam «estúrdias», os valentões fazem evoluções com os seus varapaus e o povo afasta-se na

espectativa de bordoadada rija — coisa vulgaríssima naquela barbarêsca romaria.

Felizmente a presença do vigário evita qualquer briga.

Mariana e Miquelina conservam-se a alguma distância do arraial conversando :

MIQUELINA

Então vaes casar c'um fidalgo?

MARIANNA

Bem me importa a mim que elle seja ou não fidalgo! . . . O que eu quero é que elle me não faça passar por vergonhas do mundo.

MIQUELINA

Tu tambem deixaste-te enganar assim com tão pouco . . . Que viesse p'ra cá! . . .

MARIANNA

Se tu lhe tivesses amor como eu . . .

MIQUELINA

Isso sim! . . . que viesse p'ra cá! . . . Se te tinha amor, que casasse contigo . . . Mas casa agora, que é o mesmo, e fica tudo esquecido . . .

MARIANNA

E tu não eras minha amiga se soubesses que eu . . . ?

MIQUELINA

Tua amiga, isso era eu, mas meu pai não me deixava andar á tua beira nas segadas, e nas bessadas... Deus nos livre! . . . nem pensar n'isso é bom . . . E tu *vaes p'ra Villa Real com o teu homem?*

MARIANNA

Eu não sei . . . Vou p'ra onde elle quizer que eu vá . . . Sou sua mulher . . .

Ao passo que o autor da comédia avoluma a responsabilidade das suas proezas de rapaz com as excessivas ribaldarias de Carlos de Ataíde, exorna o character da camponesa Mariana com as altas qualidades que tinha podido avaliar em Joaquina Pereira França.

Repugna a Mariana ir sujeitar-se hipócritamente ao exorcismo em Cavez; indignam-na as risadas ultrajantes de Carlos no arraial; perante a rude credulidade do pai no lubis-homem e no fantasma, tem a hombridade de confessar que êle é o estudante que a seduziu e lhe prometeu casamento; o seu amor,

como ela confessa a Miquelina, é tão leal que sobrepuja todos os ultrajes e agravos; envergonha-se da culpa em que incorreu, preocupa-a ver-se rebaixada no conceito das suas amigas e do povo; e dócilmente se não importa em seguir Carlos, logo que seja seu marido, para onde quer que êle vá, porque, apesar de tudo, o ama com fervor e confiança.

Todas estas nobres qualidades, que eram as mesmas de Joaquina Pereira, deixaram um vinco indelével na alma de Camilo.

Nem isso admira, porque esta boa rapariga foi sua namorada e sua mulher, amou e sofreu, e a extrema sensibilidade de Camilo levava-o a recordar longamente as impressões recebidas outrora.

Em muitos padres virtuosos reproduziu êle o character do obscuro levita da Samardan que iniciou a sua educação literária. Não se esqueceu nunca desse infeliz *Pedro-Sem* de Ribeira de Pena que foi o morgado de Friúme. Já na velhice fez desfilar na sua memória a procissão dos moribundos e dos mortos que tinha conhecido e tratado de perto.

Que admira, pois, que a *sua mulher*, a sua primeira mulher legítima, ainda que em público a renegasse por um mal-entendido pejo, saudosamente a fizesse ressurgir na biografia de outras mulheres, igualmente aldeãs, igualmente dedicadas e desventurosas?

E, ainda a propósito da filha de João da Eira, lembro-me de outra Mariana, também de Camilo, que por sua origem e sentimentos poderá considerar-se mais um desdobramento de Joaquina Pereira. Refiro-me à do *Amor de perdição*. Já aventei que talvez lhe redore o retrato algum reflexo longinquo da camponesa de Friúme, ¹ a quem o romancista julgaria capaz dum sacrificio igual ao da filha do ferrador.

Mas vamos ao desfecho da comédia.

Carlos de Ataíde recorre a um expediente jocoso para se desentalar da promessa de casamento.

O noivo que se apresenta é Manuel Pitosga, criado seu, que vem trajado com o fato do amo e traz meia cara entrapada num lenço.

O ardil, cómicamente sustentado com efeitos hilariantes, fácilmente foi descoberto.

Manuel Pitosga ri-se, Mariana sente-se humilhada pelo desprezo das outras raparigas, João da Eira chora, o vigário tem apóstrofes irritadas.

Carlos acode a aplacar a tempestade, que prometia ser temerosa. Enroupado com a farpela do criado, dirige-se a Mariana e abraça-a.

Ela, em vez de recriminações, diz-lhe ternuras :
«O' meu Carlos ! filho do meu coração !»

¹ *Notas sôbre o «Amor de perdição», pag. 52.*

João da Eira e o vigário reconciliam-se com o estudante que, já em caminho da igreja, vai dissertando :

— Meus amigos ! nunca me lembrei que o sentimento da compaixão me obrigaria a casar. Era preciso acabar com isto. Primeiro fui lubis-homem, depois alma penada, depois Manuel Pitosga e resta-me ser *homem casado*. O homem casado tem maior fardario a cumprir que o lubis-homem ; anda mais sombrio que uma alma penada : torna-se mais aparvalhado que um Manuel Pitosga . . . Está dito : quero reunir tudo — vou casar comtigo !»

Os noivos entram na igreja, seguidos de muita gente.

As «esturdías» repenicam alegres chulas.

E o pano cae.

Condensando o monólogo de Carlos de Ataíde, diz o sr. dr. Sérgio de Castro : *Era necessario acabar com aquillo, casou.*»

Nestas e noutras páginas de Camilo encontramos a persistência do mesmo tipo de mulher aldeã, apenas sujeito a modalidades de ocasião, mas aureolado de raras qualidades, cuja memória lhe merece respeito e lhe inspira saudade.

Já o escritor ultrapassára meio século de existência, quando, para a sua coleção de *Novellas do Mi-*

nho, escreveu aquela que tem por título *Maria Moisés* e foi acolhida com geral interesse e aplauso.

Penso que esta encantadora novela, modêlo no seu género pela rapidez e perfeição nos caracteres e nos episódios, a viveu, tanto ou quanto, Camilo, pessoalmente.

Ele não se limita, como nos *Gracejos que matam*, a apresentar personagens oriundas de Entre-Douro-e-Minho.

Na *Maria Moisés* é especificadamente no concelho de Ribeira de Pena que o novelista localiza a acção, em sítios de que nítidamente se lembra ainda : por isso lhes declina o nome certo, assim como o apelido ou profissão de indivíduos que os habitavam e que jámais esqueceu. Mas, quanto à imagem que é o ali-cerce espiritual de todas estas memórias, recorre ao artifício de identificá-la com Josefa de Santo Aleixo — isto é, Josefa, natural de Santo Aleixo de Alêm Tâmega, freguesia do mesmo concelho de Ribeira de Pena.

Vamos, no capítulo seguinte, demonstrar a nossa afirmativa.

A mãe de Maria Moisés

Josefa (a inicial é a mesma de Joaquina) amou António de Queiroz e Menezes, que, tendo estudado para frade crúzio, sentou praça quando, por morte do irmão mais velho, herdou o direito de primogenitura.

Era cadête de cavalaria de Chaves e geralmente designado por «morgado novo de Cimo-de-Vila.»

Não devemos esquecer que o próprio Camilo se julgava um morgado pobre, arbitrariamente deserdado pela ominosa provisão régia de 1799, posto não fosse representante de casa vinculada, porque nem mesmo a quinta de Montezelos, onde o avô paterno expirou,¹ constituía vinculo de família.

¹ Assassinado por salteadores, diz uma vaga tradição ; ou por se haver suicidado, segundo pensa o sr. Pedro de Azevedo.

Esta quinta tinha pertencido aos Grilos de Minhava.

Era em logares recônditos, mas convezinhos de Friúme, que os dois namorados emboscavam as suas entrevistas secretas, especialmente na Insua.

Um diálogo da novela denunciava esses misteriosos encontros :

« — . . . Ha quem os visse no bosque de amieiros da Insua, defronte da Granja. O senhor sabe...

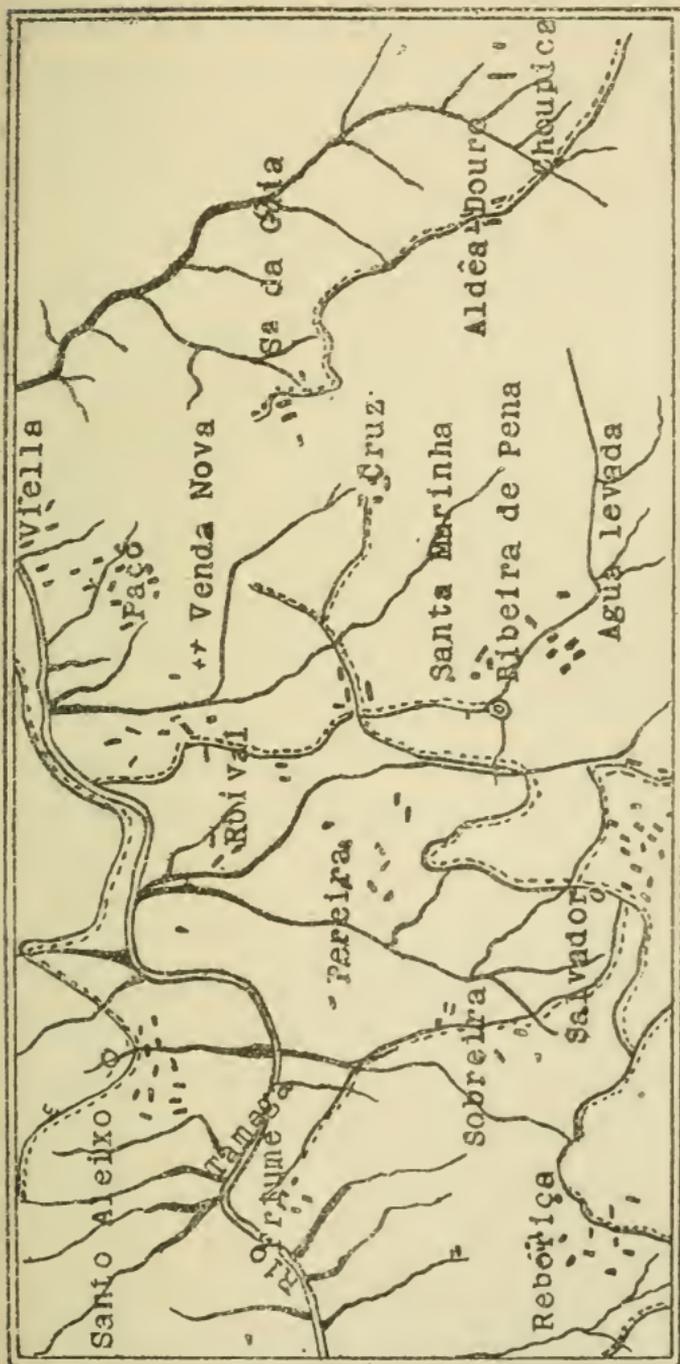
« — Conheço esse bosque. O meu padre-mestre de latim chamava-lhe a *Ilha dos amores* ; foi lá que todos os bons latinistas meus condiscipulos leram a *Arte de amar* de Ovidio ; e o cadete, pelos modos, applicou as theorias do Sulmonense . . .

« — Não vamos tão longe, sr. Mauricio — emendou o minorista. — O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a canna de pesca e o cacifro ; depois, mettia-se na Insua, e a Josefa ia lá ter. »

A Insua releva sôbre o rio Támeга entre a quinta de Manscos na margem direita e Friúme na margem esquerda.

E' grande, encrustada de penedos e verdejante de carvalhos e amieiros.

Camilo conhecia muito bem este bosque emergente do Támeга, para onde no verão ia passar as



estradas e caminhos
rios e ribeiras
casas

Situação de Frúme

tardes, em alegres merendas, que os amigos lhe ofereciam e onde provavelmente, noutras ocasiões menos ruidosas e ainda mais felizes, se encontraria furtivamente com Joaquina Pereira, como António de Queiroz e Menezes com Josefa de Santo Aleixo.

Esta personagem da novela, que era uma loira *mocetona*, não precisava, para ser ditosa, que o gentil cadête lhe promettesse casamento, como aliás prometera. «Preferia tel-o, e amal-o nas mattas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Insua, nas alcovas de ramagem que só elles e os rouxinoes conheciam nas margens do Tamega.»

A Insua deixára na alma de Camilo uma terna e duradoira recordação ; unicamente, a mulher que lhe suscitava essa íntima recordação não se chamou Josefa mas Joaquina, e, sendo tambem *guapa mocetona*, não era loira.

O doirado dos cabelos foi um cauteloso disfarce com que o romancista queria desnortear os velhos de Friúme, os quais, todavia, conheciam optimamente a história das entrevistas de Joaquina e Camilo e por experiência própria deviam conhecer a crónica daquella *Ilha dos amores*, que êles haviam descoberto antes de Camilo.

A novela procura desculpar os amores do cadête com Josefa pela influência regional, pela estimulante

acção da natureza em plena erupção de energias amatórias, mas Camilo não queria adoptar esta desculpa para sua defesa e absolvição em igual delicto de naturalismo.

Singular incongruência !

E', pois, falando suspostamente de outrem, que êle escreve :

«Viu no monte a filha do lavrador de Santo Aleixo, As serras tem sombras do infinito. O coração ahi é maior que as dimensões do peito. O homem como se vê só, no cabeço de um fragoêdo, dá-se grandeza extraordinária, mede-se pelo comprimento de horizonte a horizonte. Se o amor lhe rutilou ahi como um relampago que fulgura n'uma vasta cordilheira de montes, é um amor olympico, titanico, immenso, que disparado sobre a modestia e singeleza de uma rapariga montezinha, faz lembrar Camões :

.. Qual será o amor bastante
De nympa que sustente o d'um gigante ?»

Isto, assim descrito, só um «gigante» o podia escrever ao recordar-se duma «nympha» . . . ou de várias.

Mas Camilo é ainda mais naturalista quando remonta nas suas considerações à sensualidade instintiva de remotos varões não civilizados.

«Depois, á volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquelle combustivel edificio de ínnocencia, cheio de fluidos inflammaveis. A serra tinha penhascaes, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem. Rodeava-os uma natureza contemporanea do homem vestido da pelle do seu confrade em civilisação, o grande urso e o grande veado. A forma selvatica e antiga do proscenio deu-lhes geitos de antigos actores da vida animal. Ninguem que os visse, ninguem que lhes lesse os grandes livros do padre Sanches, ácerca do matrimonio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaelicos, normandos, alheios de tudo o que é epistolographia amorosa, — pelles-vermelhas no rigor antropológico, á vista do modo como a gente em honesta prosa costuma cazar-se.»

Quere dizer que o nosso Camilo não conquistou epistolarmente Joaquina Pereira nem precisou disso. A *Ilha dos amores* era um seguro e vasto papel de ramagens verdes onde cabiam todas as frases e todos os beijos ao abrigo de sombras densas e discretas, que lhe serviam de espêso envoltório. Estava ali a natureza em acção, não a secante ortografia que ainda então era muito complicada. Tudo natural, tudo pele-vermelha no rigor antropológico. E era bastante : era bom.

Camilo, querendo reprimir-se, fugiu de rememorar que o vestir das camponesas é mais tentador e acirrante que o das mulheres da cidade, para quem o figurino constitue dogma.

O corpo duma aldeã enforma-se, desenvolve-se e floresce sem constrangimentos nem peias. A carne não anda triturada, moída pelas varêtas dos espartilhos, que fazem corolas e cinturas artificiais. Os peitos foliam sôltos debaixo do jaqué ou aninham-se cómodamente dentro do colête curto e dócil. As saias não encobrem a perna toda nem os pés, e as meias, sem ligas, caem em refêgos no tornozelo, — o que aliás Camilo não achava feio, ¹ certamente porque exibem um *quantum satis* de nudez. Os cabelos abundantes e fortes não são queimados nem torcidos pelo ferro de frisar ou engordurados pelo abuso de pomadas. Os dentes, alvos e rijos, conservam um claro esmalte, que a folha da salva e do mentrasto aviva pela fricção. A polpa dos braços, morena e elástica, assemelha-se á crôsta tostada do pão de ló fresco e fofo.

A camponesa, na exhibição sincera do seu corpo e da sua carnadura, na folgada simplicidade do seu vestir desartificialoso, açula o apetite sensual, reflecte

¹ Coração, cabeça e estomago, ultima parte.

a franqueza, a liberdade e independência dos aspectos da paisagem que lhe oferece alcôvas em flor, camilhas de relva, respaldos de boninas, docéis de copado arvoredado, rios onde podem mundificar-se como as naiádes do contacto dos tritões, e escutar rouxinóis melodiosos que de margem a margem glossam seus amores, guardando segredo de outros . . .

Joaquina Pereira ou Josefa de Santo Aleixo eram genuínas mulheres do campo, que cediam às sugestões magnéticas da natureza, como espontâneas actrizes da vida animal.

E por viverem longe de grande povoados não havia no seu traje aquela imitação urbana, que mais parece caricatura do que imitação.

Falando de Josefa especializa a novela o seu jaqué amarelo com botões azuis, provavelmente porque na memória de Camilo se gravára fundamente a visão dum jaqué assim, que Joaquina Pereira teria possuído.

Quando o fidalgo velho de Cimo de Vila foi avisado pelo vigário de Santa Marinha de que o cadête, herdeiro da casa, lhe pedira que o recebesse com Josefa de Santo Aleixo, levou imediatamente o filho para a côrte, onde lhe propôs para noiva uma Teles de Menezes.

Respondeu-lhe o rapaz com respeitosa serenidad e:

— Meu pai pode dispôr da minha vida ; mas do meu coração já eu dispus. Prometi casamento a uma rapariga de baixa condição. Ou caso com ela ou não casarei nunca.

Muito indignado, o fidalgo velho requereu à Regência do Reino que mandasse encarcerar seu filho no Limoeiro.

Entre ferros, o morgado novo de Cimo de Vila preocupava-se menos com o seu encarceramento do que com a situação difícil de Josefa em casa dos pais, que ignoravam a gravidez da filha.

Queria aconselhá-la a fugir para a sua quinta do Enxertado, apenas habitada por caseiros, gente de confiança.

Aquele e outros nomes de lugares, que o município de Ribeira de Pena compreende, sempre Camilo os tinha lembrado desde longos anos, como se prova pelo titulo do romance *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*.¹

¹ «Seu pae chamou-se José Fernandes, por alcunha o *Enxertado*. Pegou-lhe a alcunha, por que, sendo elle natural de uma aldeia d'aquelle nome em Tras-os-Montes, quando já era caixeiro, muitas vezes dizia aos seus companheiros de passeata, aos domingos : «O Porto é boa terra ; mas lá

Torna-se oportuno elucidar o leitor sôbre alguns pormenores toponímicos da novela.

A aldeia de Santo Aleixo, onde Joaquina residia com seus pais, fica na margem direita do Tâmega: e as quintas de Cimo de Vila e do Enxertado, atribuídas aos Menezes, assentam na margem esquerda.

Da povoação de Santo Aleixo vem descendo para a beira do rio a antiga Cangôsta do Estevão (hoje tem outro nome) e uma feira de pôldras alinha-se de margem a margem.

António de Queiroz e Menezes escreveu ao seu amigo Fernando Gonçalves Penha, filho do sargento-mór da Temporan, próximo vezinho de Cimo de Vila, encarregando-o de procurar pessoa idónea que levasse o recado a Josefa.

O confidente do cadête escolheu para emissária a mulher do caseiro, a qual se desempenhou cabalmente da incumbência com aquela arteirice e manha que são proverbiais nas matronas de Entre-Douro-e-Minho.

Contou ela a Josefa que o sr. Antoninho de Cimo

como o Enxertado ainda não puz os olhos n'outra! > A caixeirada, menos sensível á saudade das suas aldeias, ria do moço, e, por mofa, lhe chamava o *Enxertado*, alcunha que elle ajuntou ao seu nome com honras de appellido. > Cap. I.

de Vila estava preso por não querer casar com uma fidalga de Lisboa e que lhe mandava dizer que fugisse para a quinta do Enxertado, onde estaria em sossego até que êle pudesse voltar.

Por sua parte, a ladina matrona ensinou a Josefa que devia passar as pôldras do Támeça e, chegando à margem esquerda, esperar na Encruzilhada do Mato que lhe apparecesse um rapaz cabreiro para guiá-la até ao Enxertado.

Assim ficou assente.

Mas o abalo causado pela boa nova suscitou as primeiras dores do parto e a mãe de Josefa, conhecendo então qual era a verdadeira doença de sua filha, rompeu num desespero bramindo raivas e maldições.

E porque tinha «o orgulho selvagem da honra» caiu doente.

O marido, bêbado emérito, quando chegou a casa e não viu a panela ao lume, cortou filosoficamente um naco de toicinho, meteu-o entre duas talhadas de broa e isolou-se na adega comendo e beberricando.

E' certo que êle, quando começou a vêr a filha muito coada de côres, tinha mandado chamar «o boticário de Friúme» e consentira que ela fosse com a mãe exorcismar-se à romaria de S. Bartolomeu em Cavez.

Mas naquela tarde, faltando-lhe a ceia, improvisou-a êle próprio bebendo pela cabaça a sua habitual filosofia, cujo princípio basilar consistia em poucas palavras : «Aguenta, João, que tua mãe não faz outro.»

Logo que anoiteceu, Josefa fugiu levando a filhinha recém-nascida. (Lembremos que Joaquina Pereira tivera também uma filha.) Meteu-a dentro dum bercinho, o mesmo em que a parturiente tinha sido acalentada e que era feito de vêrga, bem encanestrada, herméticamente fasquiado de madeira no fundo.

Com o berço sobraçado, seguiu em direcção às pôldras para atravessar o Tâmega.

Conquanto robusta, sentia-se esvaída, turvada. Davam-lhe vertigens. Passou as quatro primeiras alpondras, mas depois escorregou ao rio. O berço, que então levava à cabeça, caiu na água, e Josefa, supondo vê-lo a distância, avançou para lhe deitar a mão. Escabujando sufocada, agarrou-se instintivamente ao esgalho dum salgueiro, já moribunda. Assim a foram encontrar um pastor de seu pai, que procurava uma cabra desgarrada, e o moleiro da azenha.

Logo constou que Josefa de Santo Aleixo tinha morrido, attribuindo-se a sua morte a suicídio, o que

não era verdade. Esta notícia chegou a Lisboa transmitida pelo vigário de Santa Marinha ao morgado velho de Cimo de Vila, que sem maior delonga pediu alvará de soltura para o filho.

Mas António de Queiroz recusou-se a voltar à casa paterna e preferiu ir fazer serviço no Brasil como cadête de cavalaria.

O pai respondeu-lhe ríspidamente :

« — Não é meu filho ! Vá para o Brazil, vá para onde quizer. Sua mãe teve cinco mil cruzados de dote. D'essa sei eu que você é filho. Recebêl-os-ha hoje, e amanhã partirá. »

Dêste modo fecha Camilo o 1.º volumezinho de *Maria Moysés*, que caracteriza a época dos sentimentos fogosos, das paixões veementes e cegas por que o romancista passou na mocidade. E' um vendaval que revive e remoínha espalhando as cinzas do passado tempestuoso.

No segundo volume, predominam outros sentimentos mais puros, mais nobres e altruístas. Camilo reentra em si mesmo, acalma a sua consciência com o sorriso bom dos velhos na hora em que se penitenciam de antigos erros e procuram redimí-los pela indulgência e a piedade, pelo respeito e a compaixão que os erros alheios inspiram aos arrependidos, fatigados de errar e sofrer.

Nessa atmosfera de paz consoladora que paira sobre todo o segundo volume, Camilo escreveu uma palavra, um nome de mulher, que tinha na memória e no coração, nome que conseguiu afastar no primeiro volume, mas que irrompeu da sua pena como lágrima furtiva.

E' Joaquina esse nome, dado a uma rapariga que se perdeu por amor ; Joaquina, sem nenhum sôbrenome que o afidalgue.

Na *Sereia*, a heroína chama-se Joaquina Eduarda, porque era pessoa que pôde assistir, entre damas ilustres, á inauguração do primeiro teatro lírico do Porto.

Mas no segundo volume da *Maria Moysés* o nome de Joaquina sôa plebeu como é, muito vulgar nas aldeias, e apenas suportável nas salas quando pomposos apelidos de família o nobilitam.

Em breve iremos ao encontro dessa personagem, a cujo nome e destino ligamos o valor dum termo de equação.

VI

Sombra plangente

Ora o berço com a filhinha de Josefa de Santo Aleixo encalhou numa angra, onde o descobriu Francisco Bragadas, caseiro da quinta de Santa Eulália e pescador de chumbeira.

Camilo redigiu esta novela tão dominado pela emoção, que, ao escrevê-la ou ao rever as provas tipográficas, não reparou que, nas primeiras páginas da 2.^a parte, o apelido Bragadas aparece transformado em Bernardo, como se fôra nome de baptismo.

Ouvindo chorar uma criança, Francisco Bragadas pôs-se a olhar e viu o berço.

Desenrascou-o das ramagens dum amieiro, tirou-o da água, e, sobraçando-o, deitou a correr para casa.

Irei já dizendo que o apelido Bragadas não é invenção de Camilo. A casa do supôsto achador do

berço fica na margem direita do Tâmega, defronte de Friúme. Ali se hospedava o futuro romancista quando ia pescar trutas no próximo rio Beça ou jogar as *Damas* com o padre Domingos José Ribeiro, parente dos Bragadas.

As távolas de marfim, que eram do próprio Camilo, conserva-as um sobrinho daquêle padre, e a mesa em que o taboleiro das *Damas* assentava pertence actualmente ao ilustre pároco do Salvador de Ribeira de Pena.

Estava a mulher do Bragadas amamentando uma filha no momento em que o marido entrou com o berço. Ela, piedosamente, deu logo o peito à engeitadinha e o Bragadas foi participar o achado às fidalgas da quinta de Santa Eulália, cujo caseiro era.

Nesta quinta, que o romancista localiza também na margem direita do Tâmega, passavam a estação calmosa, segundo a novela, aquelas fidalgas — duas irmãs velhas e feias — com seu mano desembargador aposentado: gente nobre e antiga, do Arco de Baúlhe.

Este é, realmente, o nome duma freguesia do concelho de Cabeceiras.

Romanceia Camilo que, na ocasião em que o Bragadas entrou à presença das fidalgas, estavam élas

e o desembargador a jogar a bisca suéca com o cónego da Sé de Braga. João Correia Botelho.

Camilo viu um dia o retrato dêste cónego na galeria dos benfeitores do hospital de S. Marcos, daquela cidade, e ou pôde averiguar que o cónego era seu parente ou pelos apelidos lhe pareceu que devia ser.

Eu não posso afirmar nem contestar que o fosse.

Apenas cheguei à certeza de que o padre João Correia Botelho tinha sido, em 1814, abade de Vila Chã — não sei qual, porque há várias — talvez Vila Chã da Montanha, freguesia do concelho de Alijó, distrito de Vila Real: sendo, depois, cónego magistral na Sé de Braga e lente proprietário duma cadeira na faculdade de teología em Coimbra. ¹

Camilo, introduzindo no segundo volume da novela uma pessoa que realmente existiu e que êle reputára seu parente, obedeceu à influência benéfica da velhice mansa e compassiva, representando-se agora no cónego Correia Botelho, que fala eruditamente como êle, que propõe para a engeitadinha o nome de *Maria Moisés*, que lhe lega quatro mil cruzados, e que se despede dela pelo modo que, em versos conhecidos, Camilo se despediu da sua segunda mulher e dos seus dois filhos.

¹ *Almanach de Lisboa para o anno de 1823.*

Diz o cónego a Maria Moisés, na frase do romancista :

«De vez em quando, Maria, vem sentar-te aqui onde agora estamos, quando eu já estiver dormindo o somno eterno, e imagina que me ouves estes conselhos que te deixo.»

E' a mesma preocupação espiritista de Camilo sobre a evocação dos mortos pelos vivos que os recordam.

Assim o disse êle escrevendo numa composição dispersa :

Quando a *Acacia* do Jorge ainda outra vez inflore,
Chamae-me, que eu de abril nas auras voltarei.

E ainda quando, noutra composição, pede a D. Ana Plácido que o chame, o evoque, depois de morto :

Ao voltarem de abril as rosas lindas
E as arvores vestirem suas galas,
De mim te lembrarás.
Que tu bem sabes, filha, quanto eu era
Amante dos festins da primavera,
Das rosas e lilaz.

Depois irão teus olhos divagando
No doce azul dos ceus e, talvez, triste,
A' terra os voltarás...
E vendo em derredor a soledade,
Bem pode ser que digas com saudade :
«Camillo ! aonde es'tás ?»

Ocorre-me agora, a propósito, um diálogo teatral de Maurício Maeterlinck :

« *Tylpyl* — Vous dormez tout le temps . . .

« *Grand Papa Tyl* — Ouí, nous dormons pas mal, en attendant qu' une pensée des Vivants nous réveille . . . Ah ! c'est bien bon de dormir, quand la vie est finie . . . Mais il est agréable aussi de s' éveiller de temps en temps. »

Chamae-me, que eu ðe abril nas auras voltarei.

Como os belos espiritos se harmonizam !

A engeitadinha encontrou padrinhos na família da quinta de Santa Eulália e o baptizado fez-se na igreja do Salvador á mesma hora em que os sinos de Santo Aleixo dobravam pela mãe.

Uma das fidalgas, a madrinha de Maria Moisés, protegeu-a em vida e deixou-lhe em testamento cinco mil cruzados, representados na quinta de Santa Eulália.

O cónego Correia Botelho, por morte dos padrinhos, mandou, como tutor, educar Maria no convento das Terezinhas em Braga.

Ela concentrou-se menos na meditação das fórmulas conventuais que na estreme piedade ensinada por Jesus Christo.

Engeitada, o seu pensamento constante era valer a engeitadinhos.

Saindo do convento, com a íntima resolução de não voltar para lá, passou um verão em Santa Eulália, acompanhada pelo tutor.

Foi então que ela lhe revelou o seu plano.

O cónego, sem a contrariar fundamentalmente, expôs-lhe os encargos e demais inconvenientes dessa filantrópica resolução.

Maria Moisés insistiu.

« — O meu desejo, disse ela, é dar aos engeitados a caridade que eu recebi.

« — Mas tencionas procural-os ?

« — Isso não ; espero que a divina Providencia os leve onde eu estiver. »

Passados alguns dias, o caseiro da quinta, que era ainda o velho Francisco Bragadas, contou-lhe que a moleira da Trofa tinha morrido «de cambras» deixando dois filhos sem amparo.

Logo Maria Moisés os recolheu em sua casa.

Todos os anos a romaria de S. Bartolomeu em Cavez é trágicamente assinalada por mortíferos combates entre rapazes do Minho e de Trás-os-Montes.

Sucedeu que, por esse tempo, uma das vítimas fôra o noivo prometido daquela filha do Bragadas,

que a mãe estava amamentando quando o marido chegou com a engeitadinha no berço.

Tinha, pois, esta rapariga quase a mesma idade de Maria Moisés, que desde a infância se lhe afeiçoára muito, e que a levou para a sua companhia e a acarinhou fraternalmente em seguida ao morticínio de Cavez.

Era uma «guapa moça» e chamava-se . . . Joaquina — como a primeira mulher de Camilo.

As afinidades ressaltam, não intencionalmente procuradas, mas espontâneamente sugeridas pela saudade, subtil aroma que suaviza a memória dos tristes.

Ambas, Joaquina Bragadas e Joaquina Pereira, receberam o mesmo nome, eram mulheres estatuariamente perfeitas, e sofreram as penas dos corações constantes.

«Uma noite, acorçoada pelo amoroso desvelo de Maria, a filha do Bragadas, com mais lagrimas que expressões, revelou que estava perdida, porque o pai de seu filho já não podia remediar a sua deshonra.

«A engeitada quedou-se a olhar para Joaquina com muita tristeza e espanto. Do seu proprio nascimento inferia ela uma desgraça semelhante á de Joaquina; mas o pudor, a religião, a repugnancia

congenial da sua vida pura soffreram uma dor intima com a inesperada confissão. O coração decerto as tinha, mas não lhe inspirou de prompto palavras confortadoras. Separou-se d'ella fundamente magoada e pensativa; mas não adormeceu. Alta noite ouviu ringir a porta do quarto de Joaquina. Ergueu-se alvoroçada pelo presentimento de que a infeliz rapariga ia matar-se. Não a encontrou no quarto; correu á porta da sala de espera que ella n'esse momento abria. Reteve a desvairada, e disse-lhe abraçando-a:

« — Onde vaes ?

«Joaquina, com a vista vaga e turva de quem chorou até que a demencia lhe seccasse as lagrimas, sentindo-se apertada ao seio d'aquella a quem se confessara mãe deshonrada e perdida, balbuciou :

« — Não diga a ninguem a causa da minha morte, que meu pae está muito acabado; e, se elle o souber, morre de paixão . . .

« — Falla baixinho, que não ouça o sr. cónego — disse Maria apontando para o quarto do hospede. — Vem para o meu quarto, Joaquina, e lembra-te que eu sou aquella engeitada que teu pae poz no collo de tua mãe quando tu lá estavas. Vem; e, se és minha amiga, não chores, nem me assustes. »

Maria Moisés planeou o modo de occultar a Francisco Bragadas a deshonra da filha. Saiu com Joa-

quina para Braga a passar ali os meses de inverno, sob pretexto de frequentar as suas amigas de convento.

Confiou ao caseiro a guarda dos seus pupillos, e só voltou com Joaquina na primavera seguinte.

Vinha tambem uma criança que Maria Moisés tinha adoptado em Braga.

O caseiro achou que a caridade da senhora era excessiva e acabaria por empobrecê-la irremediavelmente.

Joaquina ouviu o pai com os olhos marejados de lágrimas.

Francisco Bragadas nem por sombras suspeitou que aquella criança fosse seu neto.

Quando o cónego Correia Botelho faleceu em 1836, as despesas de Maria Moisés com os engeitadinhos iam já aumentando muito pela afluência dêles e das respectivas amas de leite que, segundo dizia o Bragadas, eram as próprias mães, desavergonhadas e comedoras.

A caridosa Maria começou a pesar as suas responsabilidades financeiras e, temendo não poder comportá-las, pediu a pessoas abastadas que a auxiliassem procurando colocação para os engeitados mais crescidos.

O abade de Pedraça (Santa Marinha de Pedraça, paróquia do concelho de Cabeceiras) tomou a seu cargo um dêles, que mandou para o Brasil, onde enriqueceu.

Em outra *Novella do Minho*, intitulada *O filho natural*, Camilo faz-lhe referência e traz ao diálogo o nome de Maria Moisés. No fundo da página põe esta nótula :

«A proxima *Novella* dará ampla noticia de Maria Moisés.»

Isto prova que a novela dêste último título já estava tracejada no espírito de Camilo quando o romancista escrevia *O filho natural*. Era uma florescência de recordações que êle contemplava dentro da sua alma no retrospecto da saudade e que emoldurava, como grinalda de escabiosas, a imagem longínqua de Joaquina Pereira. Essas recordações persistiam mentalmente, fasciculadas, entretecidas numa só ideia fixa: apenas esperavam o momento em que as palavras lhes dessem vida exterior.

Camilo, tomando o compromisso, obrigou-se a si próprio a vencer aquelas hesitações com que sempre encaramos de frente um assunto que nos é querido, mas que nos fará sofrer muito durante o labor de corporizá-lo literáriamente.

Agora já vem próxima, na sequênciã do entrecho

da novela, uma frase de Camilo que é bem o reflexo da sua alma tanto mais dolorida quanto mais êle envelhecia.

António de Queiroz e Menezes, o esbelto cadête de outrora, regressára da América em 1850, reformado com a patente de general brasileiro, saciado de honras militares, mas tão desfigurado pelas suas longas barbas brancas e faces angulosas, que ninguém o poderia reconhecer fácilmente.

«O general — diz textualmente Camilo — chegou inesperadamente, recolheu-se á casa onde nascêra; e tão funda amargura o avassallou que se arrependeu de voltar á terra natal, onde lhe entraram redivas e pungentes ao amago da alma as recordações de Josefa de Santo Aleixo, — *a sombra plangente que lhe seguira todos os passos da vida.*»

Esta frase define a longa amargura que outra sombra plangente, a de Joaquina Pereira, deixára por sua vez na alma de Camilo como um sulco profundo de remorso íntimo ou de tristeza indelével.

E aqui nos torna a lembrar aqueloutra frase que o romancista proferiu em voz alta na presença de parentes e amigos:

— Esse casamento foi uma infâmia.

Plangente era também a sombra de Joaquina Pereira, como a de Josefa de Santo Aleixo, porque a pobre camponesa de Friúme lamentaria ainda além da campa a torturante situação em que vivêra neste mundo.

Casada por amor, arrebataram-lhe o marido. De modo que nem era solteira, nem casada, nem viuva. Mas fôra sempre esposa fiel, com o rosto nunca enxuto das lágrimas da viuvez, que tanto valia no seu coração leal a ausência do marido.

E, contudo, a culpa dêste abandôno não era sua, nem dêle.

Assim como o morgado velho de Cimo de Vila fôra estorvo à felicidade plena do filho e de Josefa, também Sebastião Martins dos Santos impedira, com errados cálculos e programas, que sua filha e Camilo pudessem viver como bem-casados, numa intimidade sem Mentor, numa alegria juvenil, que triunfaria da pobreza.

Quando Camilo voltou a Friúme, chamado pela mulher sob pretexto de doença, estava ainda na mão do sôgro reparar os seus primeiros desacêrtos de mal-avisado guia conjugal.

Aconselhasse a ida de ambos para o Porto, subsidiando-os dentro de suas posses.

Eles viveriam em qualquer mansarda da rua Es-

cura ¹ ou quejandas, uma vida de estudante pobre, fazendo Camilo o seu curso de medicina, tendo por estímulo ao trabalho uma linda e dedicada mulher, que, por nascimento e educação, cuidaria mais da casa e da filhinha que de distracções e vestidos.

Camilo ter-se-ia formado, o que não o impediria de cultivar ao mesmo passo a medicina e a literatura, como sucedeu mais tarde com *Julio Diniz*.

Mandá-lo sózinho para o Porto foi desgraçar Joaquina Pereira, desorganizar uma família, que nunca chegou a solidarizar-se.

O general António de Queiroz apenas encontrou vivo um dos seus amigos, Fernando Gonçalves Penha, da casa da Temporan, aquele mesmo que, trinta e oito anos antes, tinha mandado a caseira dizer a Josefa que fugisse para a quinta do Enxertado.

Foi por este amigo que o general colheu algumas impressões sôbre a morte da sua amada e a immediata aparição da criança no berço flutuante.

Segundo Gonçalves Penha, o antigo cirurgião admitia a hipótese de não ter havido suicídio, mas desastre por congestão quando Josefa ia a fugir com a criança para a margem esquerda.

¹ Em 1843-1844 foi numa água-furtada desta rua que morreu Camilo quando estudava química.

A isto contrapôs António de Queiroz que o parto ainda deveria tardar um mês ao tempo em que a pobre rapariga morreu.

Gonçalves Penha replicou que o cirurgião também admitia a hipótese de ter Josefa experimentado um forte abalo no momento em que, julgando-se abandonada, o amante lhe mandára propor a fuga.

E prometeu averiguar, pelos filhos da sua falecida caseira, qual tinha sido a quinta que recebeu a criança.

No outro dia o general saiu de casa pela primeira vez e dirigiu-se sózinho para a beira do Tâmega.

Chegando á margem, parou defronte da Insua.

«Era alli — escreve Camilo — que Josepha esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal. Um conhecido amieiro de tronco esgalhado em ramos recurvos já não existia. N'esse logar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.»

Sempre a recordação saudosa da Insua tão vivaz no espírito de Camilo . . . como no do suposto general brasileiro.

Apareceu a moleira, que ofereceu a António de Queiroz passá-lo na barca e que, durante a travessia, lhe falou, à conta de sua pobreza, na benfazeja

senhora de Santa Eulália, amparo de todos os engeitadinhos.

— Não conheço, disse o general.

E antes de saltar em terra prometeu esmolar a barqueira.

Depois seguiu pela margem direita até ao princípio da Cangôsta do Estevão.

E'-nos preciso ouvir mais uma vez o depoimento escrito, melhor direi, o depoimento autobiográfico de Camilo.

«Como ia fatigado, sentou-se, enxugando o suor, na fraga a que o moleiro encostára o cadaver de Josepha, e lembrou-se que alli mesmo haviam estado sentados ambos em uma tarde de julho. Em baixo murmurava a corrente agitando as franças dos salgueiros, coaxavam as rans, e ás vezes um scalo de ventie prateado saltava á flor d'agua. *Elle parecia ver e ouvir; mas via e ouvia no passado o rosto e a voz de Josepha, e embebia no lenço as lagrimas.*»

Camilo, para ver e ouvir Joaquina Pereira, não precisava ir a Friúme, nem queria ir para ocultar a fragilidade de ter casado aos dezasseis anos com uma camponesa. Mas via-a e ouvia-a em toda a parte, especialmente na solidão meditativa de Seide, entre pinheirais gementes, que lhe uivavam recriminações.

E não só a via e ouvia, a ela, mas tambem re-

cordava, passo a passo, os lugares que a evocavam : a Insua das entrevistas, a fraga da beira do rio, o coaxar das rãs, os pulos dos escalos, a Cangôsta do Estevão, que não é uma fantasia, conquanto hoje seja conhecida pelo Quelho da Barca.

E' que, na *Maria Moysés*, toda a nomenclatura topográfica corresponde à realidade, se exceptuarmos talvez a localização da quinta de Santa Eulália na margem direita e mais duas referências : Agra da Cruz, que poderá ser a quinta dos Agras, e Vendas Novas, que é Venda Nova.

Tudo mais está certo : o Bravio do Pimenta, que foi cultivado e passou a denominar-se Conquesturas ; o Campo da Lagoa ; a Encruzilhada do Mato, onde ha, realmente, uma caixa das Almas ; a Temporan, onde existe uma capela vinculada que pertenceu ao conde de Basto ; as pôldras, a azenha . . . tudo, tudo, enfim, recordado saudosamente, doloridamente, tenazmente, como se não houvessem já decorrido muitos e trabalhosos anos.

Nem sequer lhe tinham esquecido certos individuos que lá conheceu e que por sua profissão se haviam popularizado.

Está neste caso o boticário-curandeiro de Friúme, assim como o *Figaro* da Venda Nova.

Confrontemos esta viveza de reminiscência com

algumas truncadas frases de Camilo, recolhidas em outros livros, e elas poderão completar cabalmente a nossa demonstração :

« . . . as primeiras paixões, que nos sopram a tempestade no limpido lago da adolescencia. »

(*Scenas contemporaneas*).

« Eu não tenho imaginação, tenho memoria, do que vi, do que senti, do que experimentei. »

(*Vingança*).

« Se a recordação é um remorso. é em testemunho da nossa grandeza. Pois o remorso o que é ? E' a reacção da virtude contra o crime . . . E' o fogo purificador que devora a macula. »

(*Um livro, Vinte dias de agonia*).

Por último, talvez ainda mais claro que todos, um trecho do *Romance de um homem rico* :

« . . . quando a saudade de um sitio é a dor repercutida de vidas que lá viveram comnosco. essa não tem remedio. »

E não tinha.

Está agora por pouco o desfecho da novela *Maria Moysés*.

O general subiu o íngreme barrocal da Cangôsta, entrou na aldeia de Santo Aleixo e sentou-se no adro, onde o velho reitor da freguesia o viu e cumprimentou como a um forasteiro desconhecido, mas de aparência distinta.

Travaram diálogo e, trocadas as primeiras frases, António de Queiroz pediu ao reitor que lhe fosse *cicerone* na visita àquela aldeia, porque lhe parecia muito interessante.

O paroco anuiu prontamente e ia indicando os melhores prédios e dizendo os nomes dos respectivos proprietários.

Diante das ruínas duma casa de lavrador, muito espaçosa, o general pareceu querer reconhecer o sítio e a casa.

Era ali que tinha habitado João da Lage.

Contou o reitor a misteriosa morte de Josefa, facto anormal que impressionára a povoação, mas esquivou-se a responder à pergunta do general sobre a causa do suposto suicídio, para não fazer juízos temerários que desrespeitassem os mortos.

E, por observar que o forasteiro estava comovido, notou-lho.

António de Queiroz desculpou-se dizendo :

— Todos os velhos são fáceis em chorar.

Depois desejou descer à margem do rio e, quando

chegaram ás pôldras, interrogou o reitor sôbre a atoarda de ter aparecido outrora a boiar no Tâmega um berço com uma criancinha dentro.

Que era verdade, confirmou o pároco : que o facto se dera na mesma noite em que Josefa morreu : que ainda vivia octogenário o Francisco Bragadas que tinha descoberto o berço, e que era agora caseiro da mesma engeitada que êle achou.

Admirou-se o general e o reitor elucidou-o :

— O Bragadas já então era caseiro de Santa Eulália e levou às fidalgas a menina que appareceu no rio. Elas puseram-lhe o sobrenome de Moisés, em razão de ter flutuado nas águas como o legislador hebreu. Uma das fidalgas, que foi madrinha, deixou-lhe a quinta. E a engeitadinha saiu um anjo de caridade ; é a mãe caroável de todos os engeitados e de todos os orfãos.

Preguntou o general ao reitor se estava convencido de que a menina fosse filha de Josefa.

Novamente se escusou o pároco a fazer uma afirmativa, mas repetiu a coincidência da aparição de Maria Moisés com a morte da filha de João da Lage. Depois contou que apesar da herança da madrinha, do legado dum bondoso cónego da Sé de Braga, e de outros auxílios de pessoas caridosas, os recursos pecuniários de Maria Moisés estavam tão decresci-

dos, que ela se via na necessidade de vender a quinta, porque já devia três mil cruzados a várias confrarias.

O general, que parecia muito agitado, abraçou o reitor e significou-lhe o desejo de recebê-lo em sua casa.

— Mas eu não sei com quem tenho a honra de falar, tornou-lhe o pároco.

António de Queiroz declinou o seu nome e o da sua quinta.

Reconheceram-se : tinham sido condiscípulos. Recordaram factos da infância, alegrando-se fugitivamente, até que o pároco, de súbito, disse ao general compreender agora as suas lágrimas quando viu a casa do lavrador de Santo Aleixo.

Num impulso de nobre alma asseverou então a Queiroz que Maria Moisés era filha de Josefa. Contar-lhe-ia alguns factos e transgrediria o sigilo da confissão por bem fazer a muitas almas. Tinha sido chamado para confessar a mulher de João da Lage em artigos de morte. Recolheu bem todas as suas palavras. Ela lhe disse que a filha dera á luz uma criança na tarde do dia em que morreu e que, fugindo, certamente levára um bercinho encanastrado, que desapareceu de casa. A moribunda nada mais sabia, porque adoeceu de aflicção depois da morte da filha.

— Para mim, concluiu o reitor, está provado que Maria Moisés é filha de Josefã.

Ao outro dia, o general, com o seu amigo Fernando Gonçalves Penha e um tabelião do julgado, apresentou-se na quinta de Santa Eulália para comprá-la.

A sua comoção era grande, e maior foi ainda desde que viu e ouviu Maria Moisés.

António de Queiroz não fez questão de preço, e prontamente atendeu o pedido de conservar o velho caseiro Bragadas. Afagou treze crianças que estavam asiladas na quinta. E quis vêr o berço a que a boa Maria se tinha referido quando dissera que fôra o Bragadas que o tirou do rio.

Estava lavrada a escritura. O general entregou a quantia ajustada e ordenou que os rendimentos da quinta continuariam a ser recebidos pela mesma pessoa que até então os recebêra.

Logo, atalhando o assombro causado por esta ordem, com palavras de terna bondade declarou ser o pai de Maria Moisés.

Tinha entre as suas as mãos dela, e beijou-a na frente.

« Maria cahiu de joelhos, pendente dos braços do pae : e os velhos, e as creanças ajoelharam tambem, trementes e extaticos, sob a faisca electrica d'aquelle sublime lance. »

Quem lê estas últimas páginas da novela entrevê refulgências daquele divino alvor de paz e serenidade que iluminava outrora na serra da Arrábida poetas como frei Agostinho da Cruz e frei António das Chagas, quando na solitude da sagrada montanha descarregavam os erros e trabalhos de sua mocidade irreflectida.

Maria Moisés é também, para Camilo, montanha de recordações, lugar de acalmção e penitência, especialmente no segundo volumezinho, porque no primeiro ouvimos ainda rugir o vendaval das loucuras e paixões amorosas que perturbam a juventude.

Mas, especialmente depois que a alma de Camilo cria insofridamente uma personagem para lhe dar o mesmo nome da sua primeira mulher, aliviando assim um peso da memória ou da consciência, que o sufocava, alastra-se sobre o papel uma atmosfera de condolência, de bondade e mansidão infinitamente doces e puras.

O desfecho da novela é um poema evangélico, uma alta lição de brandura e caridade cristãs, que se torna ainda mais valiosa quando percebemos o seu duplo sentido, como narrativa de supostos acontecimentos e como efeito dum estado psíquico do autor que os coordenou sobre um tema íntimo.

O ténue véu de mistério, que a mão de Camilo

não teve a coragem de espedaçar completamente, parece-nos tão diáfano como a gaze que no teatro deixa entrever uma scena longínqua.

O romancista confessou-se a si próprio e não perante o grande público. A razão deste seu procedimento já anteriormente a deixamos assinalada. Mas palavras mesmas de Camilo, nas *Memorias do carcere*,¹ confirmarão agora a razão da inviolabilidade que êle não quisera aluir pela base :

«Pejo ou orgulho, até dos meus amigos escondi sempre as lágrimas.»

E foi por isso que, sôbre as últimas páginas santificadas da novela, Camilo dirige a Tomás Ribeiro um *post-scriptum* cuja ironia final é o antifaz com que procura ocultar as lágrimas da sua emoção.

F I M

¹ Discurso Preliminar.



LIVRARIA EDITORA

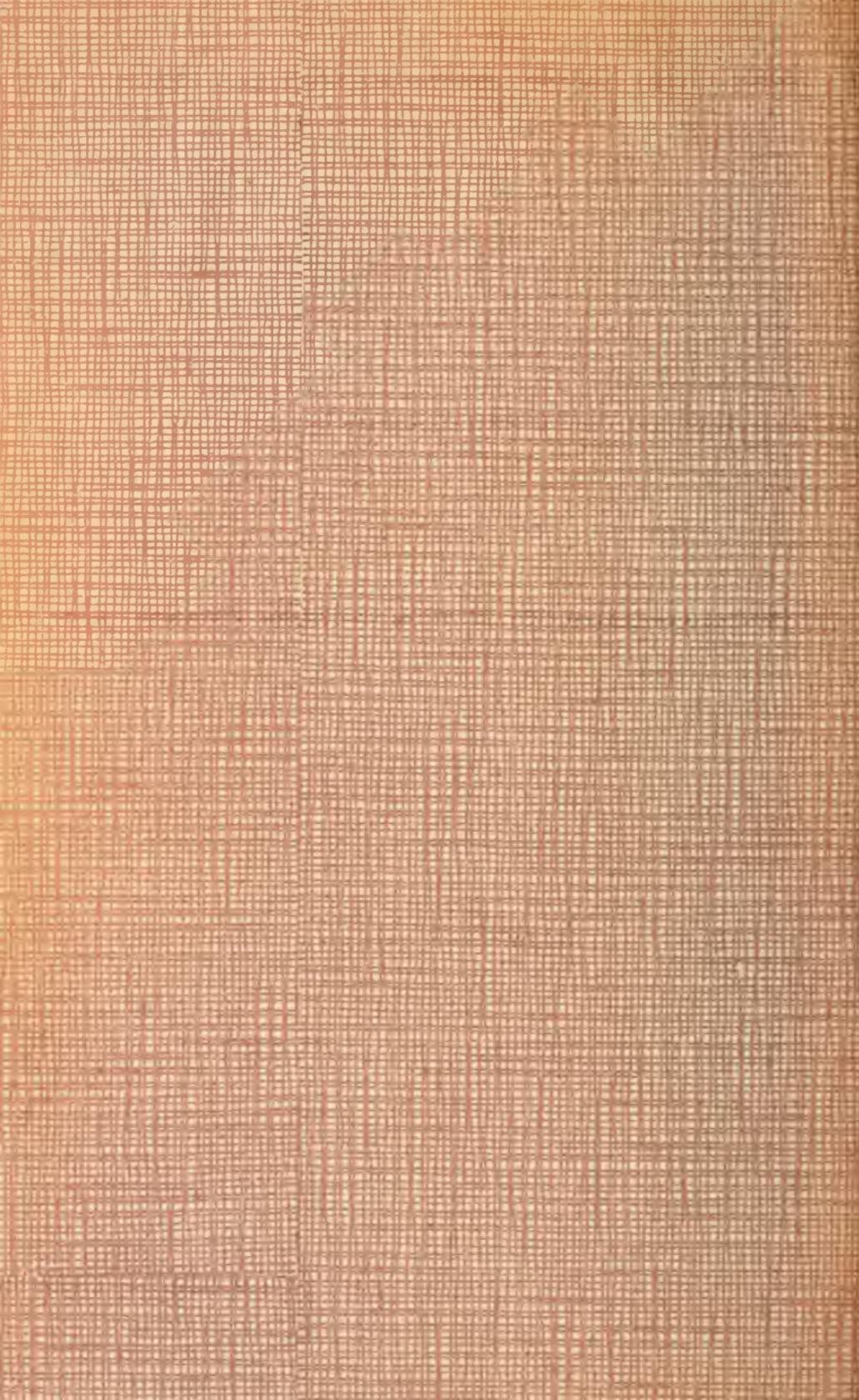
GUIMARÃES & C.

68, Rua do Mundo, 70 LISBOA

ULTIMAS EDIÇÕES

<i>Alberto Pimentel</i>		<i>Alexandre Dumas</i>	
ARCO DE VANDÔMA, (romance), 1 vol.	\$60	A MÃO DO FINADO, (2 vol.) ..	\$
		UMA AVENTURA DE AMOR, 1 vol.	\$
<i>André Brun</i>		<i>Garibaldi Falcão</i>	
FOLHINHA DE QUALQUER ANO, 1 vol.	\$40	HISTORIA ILUSTRADA DA GRANDE GUERRA, vol. 1 a 11, cada vol. br.	\$
SEM PÉS NEM CABEÇA, 1 vol.	\$40	Idem enc.	\$
PRAXÊDES, MULHER E FILHOS, 1 vol.	\$40		
<i>Zola</i>		<i>Murger</i>	
A FORTUNA DOS ROUGONS, 2 vol.	\$40	A CEIA DOS MORTOS, 1 vol. ..	\$
<i>Bernardim Ribeiro</i>		<i>Nietzche</i>	
MENINA E MOÇA, (2.ª edição) 1 vol.	\$20	O ANTI-CHRISTO, 1 vol.	\$
<i>Brito Camacho</i>		<i>Perez Escrich</i>	
POR AHI FÓRA, 1 vol.	\$50	OS QUE RIEM E OS QUE CHORAM, 3 vol.	\$
<i>Chagas Roquette</i>		SACRIFICIO D'AMOR, 1 vol. ..	\$
COISAS MINHAS, 1 vol.	\$10	<i>Ponson du Terrail</i>	
<i>Condessa de Gencé</i>		<i>Rochel</i>	
TRATADO DE CIVILIDADE E ETIQUETA, (3.ª edição), 1 vol.	\$60	ROMEU E JULIETA, 1 vol. ...	\$
<i>Delfim Guimarães</i>		<i>Lamartine</i>	
ALMA PORTUGUESA, 1 vol.	\$60	GRAZIELLA, 1 vol.	\$
<i>Tolstoi</i>		<i>Victor Hugo</i>	
A SONATA DE KREUTZER, (3.ª edição), 1 vol.	\$20	O RÊNO, 3 vol.	\$





PQ
9261
C3Z738

Pimentel, Alberto
A primeira mulher de Camilo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 01 008 6